

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CIÊNCIAS FILOSÓFICAS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA
CONVÊNIO UFSC / UNIPLAC

“BAIRROS QUE TRABALHAM EM LAGES”: A TRAJETÓRIA DE VIDA E
TRABALHO DE MICROEMPRESÁRIOS

ALIETE PERIN ARAÚJO

Florianópolis, SC
2001

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CIÊNCIAS FILOSÓFICAS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA
CONVÊNIO UFSC / UNIPLAC

“BAIRROS QUE TRABALHAM EM LAGES”: A TRAJETÓRIA DE VIDA E
TRABALHO DE MICROEMPRESÁRIOS

ALIETE PERIN ARAÚJO

Esta dissertação foi julgada e
aprovada em sua forma final pela
Orientadora e Membros da Banca
Examinadora, composta pelos
Professores:

Prof^a Bernardete Wrublevski Aued
Orientadora

Prof^a Edna Garcia Fiod
Membro

Prof. Roberto Moraes Cruz
Membro

Prof^a Bernardete Wrublevski Aued
Orientadora

Aprovado em 28 de agosto de 2001.

FLORIANÓPOLIS, SC
2001

ALIETE PERIN ARAÚJO

“BAIRROS QUE TRABALHAM EM LAGES”: A TRAJETÓRIA DE VIDA E
TRABALHO DE MICROEMPRESÁRIOS

Dissertação apresentada, como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre em Sociologia Política, ao Programa de Pós - Graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina, (convênio UFSC/UNIPLAC). Área de concentração: Sociologia do Trabalho. Orientadora: Prof^a Dra. Bernardete Wrublevski Aued. Coorientadora: Prof^a Dra. Edna Garcia Fiod.

Florianópolis, SC
2001

Dedico este trabalho a Cesar Araújo meu esposo, aos meus filhos Angelita, Antonio Cesar, Fabiano, Jadir e Rita. Aos netos Patrícia e em especial ao Gabriel, que nasceu nesse período de estudos.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida.

A meus pais que me trouxeram ao mundo.

A minha família, pela compreensão quando da minha ausência em momentos que eram nossos.

Aos professores e colegas do Curso de Mestrado em Sociologia Política.

As professoras Dra. Bernardete W. Aued e Dra. Edna G. Fiod, que gentilmente me acolheram na sala de Transformação do Mundo do Trabalho quando da orientação desse trabalho.

A Prof^a Dra. Edna G. Fiod pela compreensão e pela forma como me acolheu na ausência da Prof^a Bernardete.

A Prof^a Dra. Bernardete W. Aued pela dedicação, pela sua autenticidade na orientação e pela forma segura e competente

de conduzir o processo, o que foi fundamental para a realização desse estudo.

Aos assessores e microempresários do BQT que oportunizaram as informações.

Aos meus colegas de trabalho da UNIPLAC e, em especial, à Prof^a Danúzia Aparecida da Silva pela paciência nas correções desse trabalho.

SUMÁRIO

<u>AGRADECIMENTOS</u>	v
<u>LISTA DE TABELAS</u>	x
<u>LISTA DE QUADROS</u>	xi
<u>LISTA DE FIGURAS</u>	xii
<u>LISTA DE ABREVIATURAS</u>	xiii
<u>RESUMO</u>	xvi
<u>ABSTRACT</u>	xvii
<u>INTRODUÇÃO</u>	1
<u>CAPÍTULO I</u>	2
<u>Lages: rupturas e práticas sociais diferenciadas</u>	3
<u>O contexto em que se situa a experiência do BQT: nos</u> <u>Caminhos dos Tropeiros surge Lages</u>	6
<u>Anos trinta: novas formas de exploração</u>	8
<u>A busca de soluções com base na experiência italiana</u>	14
<u>A Experiência Italiana</u>	18
<u>União Européia</u>	20

<u>Rede de empresas no norte da Itália</u>	22
<u>Associações Empresariais na Itália</u>	23
<u>Região de Emília Romagna</u>	25
<u>Organização do trabalho</u>	26
<u>Projeto "Bairros Que Trabalham"</u>	28
<u>Regulamentação do projeto</u>	30
<u>Estrutura do projeto</u>	32
<u>Operacionalização do projeto - Fase 1 do projeto BQT</u>	34
<u>Fase 2 do projeto BQT</u>	38
<u>Ações</u>	39
<u>Operacionalização das ações do quadro 2</u>	40
<u>FASE 3 do projeto BQT</u>	46
<u>Programas de sustentação do projeto BQT</u>	47
<u>Projeto Bairros que Trabalham na região "I"</u>	53
<u>Desenvolvimento do projeto BQT na região "I"</u>	54
<u>Identificando elementos que compõem a região "I"</u>	55
<u>Quem são os membros do BQT da região I</u>	58
<u>Microempresários quanto à procedência e escolarização</u> ...	59
<u>Situação atual das empresas</u>	62
<u>Identificando os microempresários da faixa etária de 46 a 55 anos</u>	66
<u>Histórias de vida e de trabalho</u>	67
<u>O conselheiro sonhador</u>	68
<u>De oleiro a empresário bem sucedido</u>	71
<u>De neto de agricultor a capitalista de destaque</u>	74
<u>O poeta e o sonho de ser um capitalista</u>	77
<u>De professora a empresária de sucesso.</u>	83

<u>O artesão que sonha alçar vôo muito alto</u>	86
<u>Com os pés no chão e a cabeça no alto, como capitalista.</u>	88
<u>De camelô a um sonho de empresária</u>	91
<u>O que os une e o que os separa</u>	93
<u>Por que migraram ?</u>	95
<u>Na cidade</u>	99
<u>O sonho de ser microempresário adentra o gênero</u>	101
<u>Situação profissional dos microempresários anterior ao projeto BQT</u>	103
<u>Trabalhadores por-conta-própria</u>	105
<u>Perspectivas de futuro</u>	106
<u>O BQT sob o enfoque dos assessores</u>	109
<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	116
<u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</u>	121

LISTA DE TABELAS

<u>Tabela 1. Distribuição da População Residente, Urbana, Rural e Total. Participação Relativa por Situação de Domicílio - 2000</u>	10
<u>Tabela 2. Situação atual das empresas (1997 - 2000)</u>	62
<u>Tabela 3. Distribuição percentual da Idade dos microempresários da região "I"</u>	65
<u>Tabela 4. Origem dos microempresários</u>	93
<u>Tabela 5. Setor econômico de origem dos microempresários</u>	95
<u>Tabela 6. Distribuição percentual de motivos que levam os emigrantes a deixar o local onde moram.</u>	98
<u>Tabela 7. Distribuição percentual por sexo dos microempresários da região "I"</u>	101
<u>Tabela 8. Distribuição percentual da situação profissional dos microempresários anteriormente ao projeto BQT</u>	103
<u>Tabela 9. Resultados percentuais de desempenho profissional obtidos com os cursos de qualificação na percepção dos microempresários</u>	106

LISTA DE QUADROS

<u>Quadro 1. Relação das Regiões da cidade e bairros que compõem o BQT</u>	37
<u>Quadro 2. Distribuição da carga horária - Ações desenvolvidas na fase 2 do Projeto BQT</u>	39
<u>Quadro 3. Distribuição da carga horária dos cursos "Entendendo o Mundo dos Negócios"</u>	40
<u>Quadro 4. Distribuição de Cursos de Qualificação Profissional do BQT</u>	44
<u>Quadro 5. Perfil sócio-demográfico dos microempresários da região "I" - BQT</u>	60
<u>Quadro 6. Microempresários da região "I" com idade de 46 a 55 anos</u>	66
<u>Quadro 7. O BQT sob o enfoque dos assessores</u>	109

LISTA DE FIGURAS

<u>Figura 1. Estrutura Organizacional para a Formação do BQT</u>	32
<u>Figura 2. Árvore genealógica de Adão da Silva</u>	68
<u>Figura 3. Árvore genealógica de Ademiro</u>	71
<u>Figura 4. Árvore genealógica de João Carlos</u>	74
<u>Figura 5. Árvore genealógica de Sebastião</u>	77
<u>Figura 6. Árvore genealógica de Delize</u>	83
<u>Figura 7. Árvore genealógica de Jorge</u>	86
<u>Figura 8. Árvore genealógica de Antonio Bussolotto</u>	88
<u>Figura 9. Árvore genealógica de Antonia de Souza</u>	91

LISTA DE ABREVIATURAS

ACIL - Associação Comercial e Industrial de Lages.

AMOSC - Associação dos Municípios do Oeste de Santa Catarina.

AMPE - Associação das Micro e Pequenas Empresas.

AMURES - Associação dos Municípios da Região Serrana.

API - Associação da Pequena Indústria.

BNDES - Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico Social.

BQT - Bairros Que Trabalham.

BRDE - Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul.

CDL - Câmara de Dirigentes Lojistas.

CETE - Conselho Estadual de Trabalho e Emprego.

CMTE - Conselho Municipal de Trabalho e Emprego.

EPAGRI - Empresa de Pesquisa Agropecuária.

EPC - Empresas de Participação Comunitária.

UE - União Européia.

FAESC - Federação da Agricultura do Estado de Santa Catarina.

FAT - Fundo de Amparo ao Trabalhador.

FECAM - Federação Catarinense de Associação de Municípios.

FIESC - Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

MTE - Ministério do Trabalho e Emprego.

NS - Núcleos Setoriais.

PBDEE - Plano Básico de Desenvolvimento Ecológico Econômico.

PEA - População Economicamente Ativa.

PML - Prefeitura Municipal de Lages.

PRODER - Programa de Emprego e Renda.

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio a Micro e Pequena Empresa.

SAMT - Serviços de Apoio ao Menor Trabalhador.

SDF - Secretaria de Estado do Desenvolvimento Social e da Família.

SENAC - Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial.

SENAI - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial.

SINE - Sistema Nacional de Emprego.

UNIPLAC - Universidade do Planalto Catarinense.

PNAD - Plano Nacional de Desenvolvimento.

MDB - Movimento Democrático Brasileiro.

PDT - Partido Democrático Trabalhista.

PSDB - Partido Social Democrático Brasileiro.

PT - Partido dos Trabalhadores.

CRE - Coordenadoria Regional de Educação.

GAPLAN - Gabinete do Planejamento.

RESUMO

Esse trabalho busca estudar a trajetória de vida profissional dos microempresários do Projeto "Bairros Que Trabalham" - região "I" da cidade de Lages - SC. O "Bairros Que Trabalham" - BQT nasce em 1996, com o objetivo de resolver o problema do desemprego na cidade. Para melhor desenvolver as ações propostas pelo BQT, a cidade de Lages é dividida em doze regiões abrangendo os 69 bairros. Essa experiência centra-se na criação de micro e pequenas empresas sustentadas com financiamento, treinamento gerencial, capacitação profissional e acompanhamento técnico. O modelo italiano de Emilia Romagna serve de referência para a elaboração e execução da referida proposta para Lages. A Itália tem um diferencial caracterizado pela influência do partido comunista na implementação de uma política de apoio às pequenas empresas, um forte movimento operário ligados ao sindicato e, ainda pela negociação na organização da produção e do trabalho, enquanto no Brasil isso não ocorre. De qualquer forma, experiências como as da Itália oportunizam a implementação de propostas supostamente ousadas com o objetivo de reverter quadros críticos. No período de implantação do BQT, algumas ações permeiam o projeto como a participação de instituições governamentais e não governamentais como parceiras na execução de etapas que vão desde o levantamento da situação sócio-econômica dos bairros, até a criação e consultoria às empresas. Após o estudo da região, ocorre as capacitações na área empresarial, na qualificação técnica, na consultoria e acompanhamento às empresas. Referindo-se a região I do BQT o estudo realizado dá enfoque aos microempresários, sua trajetória de vida profissional e sua participação junto ao BQT.

ABSTRACT

This work aims at studying the professional life course of the micro-undertakers of the Project "Boroughs That Work" - "I" region of the town of Lages - SC. The "Boroughs That Work"- BTW (BQT) was created in 1996 with the objective of solving the problem of unemployment in the city. In order to perform the BTW actions better, the town of Lages was divided into twelve regions composed of 69 boroughs. The undertaking concentrates in the criation of micro and little enterprises which are supported by capital investment, managerial training, professional qualifying, and technical attendance. The Italian pattern from Emilia Romagna supplies a point of reference for the elaboration and execution of the related proposal for Lages. With reference to Brazil, Italy offers a differential which is characterized by the influence of the communist party in the fulfilment of a politics of support of little interprises, by means of a strong worker movement associated with the syndicate as well as negotiation in the organization of work production. Anyway, experiments like those of Italy furnish encouragement for the fulfilment of audacious proposals which aim at reverting critical charts. During the period of implantation of the BTW (BQT), some proceedings lead the project, among them: the involvement of state and non-statal isntitutions as partners in the fulfilment of steps that go from the survey of socio-economical situation of the boroughs to the creation and attendance to the enterprises. After studying the map of the region, come the qualifications in the field of enterprise, the technical qualification, the counsellorship and the attendance to the enterprises. In reference to the "I" Region of the BTW (BQT), the study in question gives prominence to the micro-undertakers, their professional life course, and their performance inside the BTW (BQT).

INTRODUÇÃO

Diante do desemprego crescente em Lages, algumas políticas de emprego vêm sendo implementadas pela Prefeitura através da Secretaria do Desenvolvimento e Integração Regional de Lages, Conselho Municipal de Trabalho e Emprego e instituições ligadas às áreas da educação, da economia e do social, cuja política é direcionada para uma experiência de participação comunitária. O processo de organização dos bairros, onde ocorre a proposta, inicia-se ainda no "Governo Coruja"¹. No período de 1992 a 1996, surgem as primeiras sementes de implantação de uma proposta com base na realidade sócio econômica dos bairros de Lages, tendo como fonte de inspiração a "experiência italiana", bem sucedida, pelo

¹. Administração municipal de Fernando Agustini chamada "Frente Popular", tem como discurso o apelo populista dirigido às massas. Reinicia em Lages o processo de organização do povo em um outro momento histórico.

menos, até o início do ano de 2001, quando algumas prefeituras como a de Bologna tinham à frente governantes comunistas.

A proposta para Lages centra-se na criação de micro e pequenas empresas sustentadas com financiamento, treinamento gerencial, capacitação profissional e acompanhamento técnico. Fala-se do projeto "Bairros Que Trabalham" alicerçado em três fases distintas no seu desenvolvimento: o planejamento estratégico realizado junto às comunidades dos bairros da cidade, a capacitação da força de trabalho de acordo com as vocações econômicas existentes e o fomento empresarial com programas de sustentação do projeto. De forma geral, o projeto quer educar e preparar empresários e futuros empresários para a administração de seus negócios, visando minimizar o risco de quebras e falências e, ao mesmo tempo, capacitar o profissional local para atuar no mercado, suprindo com força de trabalho qualificada as novas empresas que estão surgindo.

Com a participação da comunidade, propostas como essas despertam interesse em estudá-las, principalmente quando considerada pelo FAT, como a melhor experiência em nível nacional ocorrida no ano de 1998. Recebe nesta oportunidade, o certificado de participação no Prêmio Paulo Freire na categoria Tecnologia de Comunicação concedida pelo Ministério

do Trabalho. Sua participação foi também marcante em outras concursos a nível nacional.

O projeto "BQT" abrangeu 69 bairros de Lages, divididos em 12 regiões, com enfoque para os bairros São Miguel e Penha - região "I", na pesquisa de campo.

O objetivo maior deste estudo concentra-se na trajetória de vida profissional dos microempresários da região "I", bem como sua participação no projeto. Visa ainda, identificar dificuldades encontradas pelos microempresários na sua caminhada e na administração de seus negócios. E, por último, detectar a situação em que se encontram as empresas pesquisadas dentro de limites de um contexto específico e de uma experiência específica municipal.

O período de abrangência do estudo se estende do início do projeto (1996), ao final da gestão administrativa municipal do Prefeito Décio da Fonseca Ribeiro em 2000. Considera-se para análise deste estudo, um nexos histórico experienciado nesse mesmo espaço sócio-político, mas, em outro momento histórico. A região Serrana, em especial Lages, foi tomada como referência espacial de organização social e política, a fim de que houvesse melhor entendimento do sentido do poder local, do desenvolvimento da região e de suas implicações.

Afinal, quem são os micro empresários da região "I" do BQT em Lages?

Os microempresários da região I do projeto BQT são os sujeitos que, embora advindos de um meio sócio-econômico restrito, ousam alçar-se a empresários. O desafio dessa pesquisa consiste em descobrir e estudar esses sujeitos, não ignorando porém, o contexto histórico de dominação social e política a que pertencem. Essa história revela sucessos e insucessos que inibem o avanço no processo de transformação das relações de trabalho.

Diante do exposto, desenvolve-se este trabalho estabelecendo inicialmente - Capítulo I - um quadro teórico de referência. Em segundo lugar, - Capítulo II - é apresentado relato das experiências vivenciadas na pesquisa de campo.

O trabalho de campo implica questionários, entrevistas e documentos. Ao todo, são entrevistados dezenove (19) micro empresários e quatro (4) assessores do projeto BQT. Na tentativa de melhor explicitar um dos elementos levantados como significativo para a pesquisa, retorna-se a campo onde são entrevistados individualmente oito (8) microempresários da região "I".

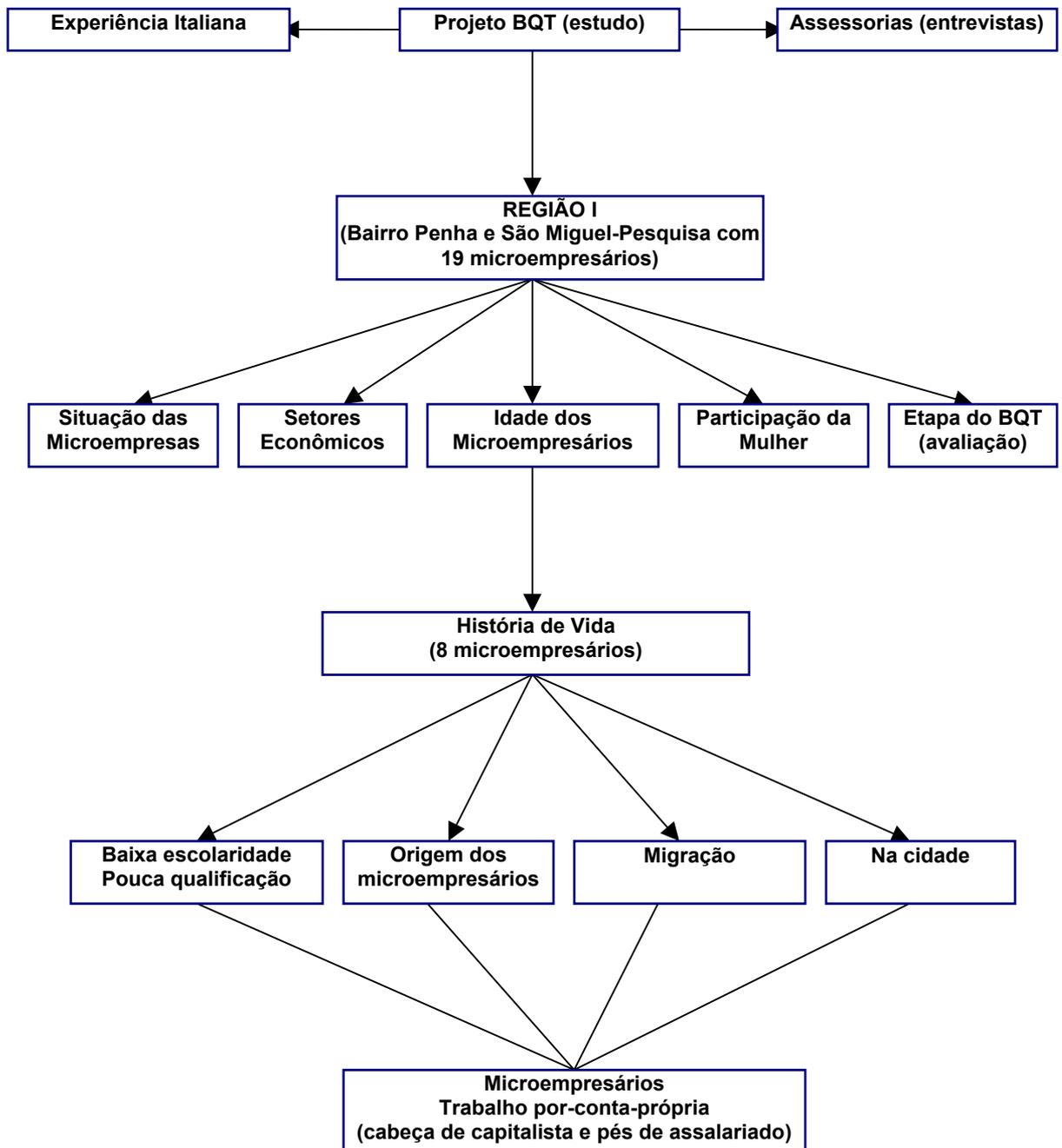
Na pesquisa de campo os entraves encontrados antes mesmo de obter respostas às questões pertinentes reforçam ainda

mais a curiosidade pelas informações a serem obtidas. Pela simplicidade dos microempresários sentia-se no ar uma certa desconfiança em relação ao entrevistador até entenderem concretamente a importância dos fatos a serem relatados. Durante quatro semanas as visitas tornam-se constantes inclusive aos sábados e domingos, dependendo sempre da disponibilidade dos mesmos. O vínculo da relação entrevistador e entrevistado oportuniza um conhecimento que não se imagina existir. Além da empresa, a visita à residência de um dos microempresários faz acreditar uma vez mais no que diz Aued (1999), diante das mudanças, o trabalhador não sabe mais se, de fato, é um trabalhador ou patrão, ou as duas figuras ao mesmo tempo: "cabeça de patrão e pés de assalariados".

A coleta de dados e as informações colhidas no trabalho de campo norteiam o processo de análise, determinando uma leitura crítica na relação teórica e realidade pesquisada.

ESCOLHA DO TEMA (POR QUE?)

Fundamentação Teórica



CAPÍTULO I

LAGES: RUPTURAS E PRÁTICAS SOCIAIS DIFERENCIADAS

Delize Neves diz em sua entrevista algo que marca sua vida: "Enfrentei em minha vida um casamento que não durou. Exerci a profissão de professora do curso primário até me casar. Quando fui embora de Lages, com o nascimento de três filhos e com a proibição do marido de trabalhar fora de casa, acabei me anulando, perdendo tempo e o marido".

LAGES: RUPTURAS E PRÁTICAS SOCIAIS DIFERENCIADAS

Desde 1970 o município de Lages entra no cenário político catarinense e mesmo brasileiro, como sendo um laboratório diferenciado de experimentações de práticas sociais e de resultado de rupturas e redirecionamento políticos.

A ruptura é significativa: durante as eleições para prefeitos em 1972, ganha o candidato do MDB - Movimento

Democrático Brasileiro, Juarez Furtado. Com isto rompe-se uma tradição de 42 anos de administração "oligárquica"².

"O último prefeito da Oligarquia - Áureo Vidal Ramos, genro de Vidal Ramos, foi derrotado nas eleições de 1972, pela oposição (MDB), que teve a maioria dos votos para prefeito e câmara de vereadores".(SILVA, 1985: 95,107).

O redirecionamento político é outra característica que contribui para elevar Lages à categoria de laboratório de práticas sociais diferenciadas. Na seqüência do mandato de Juarez Furtado, Dirceu Carneiro, seu vice-prefeito, elege-se prefeito para um mandato de 1976-1982 e esta gestão torna-se conhecida como ousada e inovadora sob o slogan A "Força do Povo".(Quintero, 1991)³. Dentro dos limites desta pesquisa, pouco analisaremos as implicações de "ser oposição" no contexto Lageano. Reconhecemos, entretanto, que tal situação constitui o pano de fundo e o fundamento político de práticas

² Oligarquia é o poder privado das elites dominantes.Os representantes das oligarquias locais enquanto poder político que detinham para promover o processo de desenvolvimento, não o fazem. O atraso da região acontece no sentido cultural, econômico e geográfico. Segundo Munarim (2000), a hegemonia e domínio político desses grupos está sustentada justamente nas relações econômicas e sociais típicas do atraso (Munarim, 2000:1000).

³ A Força do Povo: democracia participativa em Lages. É a preferência pelo pequeno, pelo aproveitamento intensivo da mão-de-obra e da terra. Implica na organização dos pequenos e médios proprietários, implica na formação de cooperativas, uma opção pela utilização da natureza com respeito pelo seu equilíbrio, enfim a construção de alternativas econômicas para o peão e o agricultor. Implica na organização do povo para a solução dos problemas. A regra é: quem não está organizado não tem acesso aos serviços da municipalidade. A presença da comunidade se impõe, é solicitada e, assim, o próprio sentimento de comunidade é desenvolvido.

políticas que elegem a participação "popular" como prioridade.

Neste trabalho analisaremos a experiência advinda do projeto "Bairros Que Trabalham" que teve início em (1996) na gestão do prefeito Fernando Agustini mais conhecido por "Coruja" e sua continuidade de 1997 a 2000, na gestão do prefeito Décio da Fonseca Ribeiro, frente de partidos que incluía PDT, PSDB, PMDB e PT, coligação chamada "Frente Popular de Lages". Como projeto de geração de trabalho e renda para classes menos favorecidas dos bairros da cidade, a implantação e operacionalização do projeto acontece na administração municipal de partidos de esquerda, representando a Frente Popular de Lages. Hoje, com a mudança da administração municipal, o projeto está parado aguardando definição do atual prefeito.

A semelhança maior com o período de administração a "Força do Povo" reside no fato de também ser oposição e, igualmente, ensaiar experiências marcantes no sentido de abranger a grande população que habita nos bairros populares. O "Bairros Que Trabalham" é uma experiência limitada em algum sentido; no tempo, pois dura apenas cinco anos. Em 2001, com a mudança de prefeito também de outro partido político, o BQT é desativado. O que resta dessa experiência constitui nosso

É essa articulação entre as pessoas que formam um grupo social que está presente no lema: "Lages, a Força do Povo" (ALVES, 1980:19 a 31).

objeto de estudo, pois interessa-nos saber por que iniciativas aparentemente tão louváveis que visam a promoção da qualidade de vida e de trabalho, não prosseguem.

Como ponto de partida para a análise da experiência do BQT, procurando escapar das explicações que relacionam o fracasso e ou abortamento da experiência do BQT à mudança de orientação político/administrativa da prefeitura, outros elementos surgem direcionando o estudo desejado. Essas experiências contêm limites que independem da política, ainda que contenham a política em todas as suas instâncias. A política é tão somente o elemento mais visível, a forma pela qual aparecem os impedimentos, que, nesta sociedade, são sobretudo estruturais.

O CONTEXTO EM QUE SE SITUA A EXPERIÊNCIA DO BQT: NOS CAMINHOS DOS TROPEIROS SURGE LAGES

No início do século XVIII, chegam os primeiros europeus que se fixam no município de Lages. O povoamento dos "Campos de Lajens" decorre da necessidade de abrir caminhos para atingir as campinas do Rio Grande do Sul, ricas em gado, o que desperta nos paulistas e mineiros a ambição de estabelecer comércio com os fazendeiros gaúchos. Os primeiros documentos mencionam a paragem chamada "Lajens", como sendo um pouso de tropeiros, na maioria portugueses e açorianos,

que viajavam para São Paulo ou Sorocaba, levando mulas, cavalos e bovinos. Antonio Correia Pinto, fundador do povoado, era também tropeiro e conduzia tropas de bois de Lajes para São Paulo. Mais tarde, os tropeiros já nascidos em Lajes, exercem essa tradicional ocupação.

Em 22 de novembro de 1766, o povoamento passa à categoria de vila e, em 1820, a vila é desanexada da província de São Paulo, para fazer parte de Santa Catarina. Em maio de 1860, a vila é elevada à categoria de cidade e somente cem anos depois, fica estabelecido o topônimo de Lages com "G".

Economicamente, Lages conhecida pelas suas tradições na pecuária, vive seu primeiro ciclo econômico do couro, da carne e da erva-mate. Seu segundo ciclo econômico, o da madeira, atinge seu auge entre 1950 e 1960. Os componentes estruturais da ocupação da região de Lages, desde o século XVIII, articulam pecuária extensiva, concentração fundiária e "mandonismo" político. Segundo Piazza (1988).

"do ponto de vista sócio-político, o modelo produtivo reproduz e é reproduzido na concentração do poder político local, pela pessoa do fazendeiro, enquanto "donos de terras e de gentes". Quando, mais tarde, no início do primeiro Império, os mandatários locais são armados e constituídos em chefes de efetivos paramilitares e investidos em cargos públicos, delineia-se uma nova prática política nacional, o "coronelismo", cujas peculiaridades

locais, repercutem na configuração sócio cultural da Região Serrana de Santa Catarina e na formação de suas oligarquias de base rural (Piazza, 1988: 78-79).

Diante do quadro descrito, compreende-se a formação de um considerável contingente de força de trabalho diretamente vinculada à grande fazenda, em relação de dependência, formado por peões. Ainda, em espaços das fazendas de gado e em terras impróprias para a pecuária extensiva, constitui-se uma população que sobrevive da agricultura de subsistência no mesmo quadro de relações. São esses grupos sociais que por relações de subordinação direta ou indireta aos mandatários locais, dão suporte e legitimam práticas políticas de subserviência e obediência.

ANOS TRINTA: NOVAS FORMAS DE EXPLORAÇÃO

A partir dos anos 30 do século XX, surge um novo quadro de desenvolvimento econômico para a região de Lages: a exploração intensiva de recursos florestais. Esta terra rica pelo seu potencial nativo de pinheiros atrai migrantes italianos do norte do Rio Grande do Sul que instalam serrarias em toda a região, formando pequenas localidades, com o objetivo de explorar a riqueza natural existente: "a araucária". O funcionamento acelerado das serrarias com o

corte desordenado e intenso das matas fazem a Região Serrana, em especial, Lages, se destacar economicamente pela exportação da madeira, ocupando um dos primeiros lugares no índice de arrecadação de tributos em todo o Estado de Santa Catarina. Em conseqüência, Lages assume posição de relevância no quadro político estadual e, até, nacional.

Sob o impacto da economia madeireira, Lages transforma-se em grande pólo de atração, centro de distribuição de informações e de contato com o mundo. Nessa época, realmente de ouro, atribui-se à cidade o cognome *Princesa da Serra*. Entretanto, o sonho de alguns transforma-se em pesadelo para muitos, pois com o término da extração da madeira, a região enfrenta o desemprego e o êxodo rural, formando na principal cidade da região cinturões de pobreza. As marcas de destruição das matas reflete um quadro de preocupações com os problemas sociais e econômicos. Os enormes campos verdes vão cedendo lugar à região considerada hoje, uma das mais pobres, não apenas do Estado de Santa Catarina, mas da Região Sul do Brasil.

Situada na Região Serrana do Planalto Catarinense, Lages congrega hoje, 18 (dezoito) municípios⁴ que fazem parte da AMURES - Associação dos Municípios da Região Serrana, com uma

⁴ **Lages**, Otacílio Costa, Correia Pinto, Ponte Alta, São José do Cerrito, Bocaina do Sul, Palmeira, Paineis, Capão Alto, Campo Belo do Sul, Cerro Negro, Anita Garibaldi, Urubici, Urupema, Rio Rufino, São Joaquim, Bom Jardim da Serra e Bom Retiro.

área territorial de 16.271,90 Km², representando 17,04% da área territorial estadual. Esta região tem uma população de 285.283 habitantes (IBGE/2000). Nas últimas décadas, a cidade passa por uma transformação significativa: um inchaço populacional em sua periferia e um esvaziamento da população da zona rural, como se observa na tabela a seguir.

Tabela 1. Distribuição da População Residente, Urbana, Rural e Total. Participação Relativa por Situação de Domicílio - 2000

MUNICÍPIOS	ASSOC. MUNICÍPIOS	URBANA		RURAL		TOTAL
		Hab	% s/ total	hab	% s/ total	Hab
Lages	Amures	152.320	97,38	4.086	2,62	156.406
Correia Pinto	Amures	12.034	70,71	4.986	29,29	17.020
Otacílio Costa	Amures	12.781	91,54	1.181	8,46	13.962
Ponte Alta	Amures	3.754	73,30	1.367	26,70	5.121
São Joaquim	Amures	16.084	70,60	6.696	29,40	22.780
Bom Retiro	Amures	5.309	66,92	2.625	33,08	7.934
Urubici	Amures	6.633	64,84	3.597	35,16	10.230
Bom Jardim da Serra	Amures	2.105	51,91	1.950	48,09	4.055
Campo Belo do Sul	Amures	4.315	54,98	3.534	45,02	7.849
Urupema	Amures	1.185	46,89	1.342	53,11	2.527
Anita Garibaldi	Amures	4.163	40,69	6.069	59,31	10.232
São José do Cerrito	Amures	2.142	21,02	8.050	78,98	10.192
Rio Rufino	Amures	555	23,08	1.850	76,92	2.405
Cerro Negro	Amures	705	17,19	3.396	82,81	4.101
Bocaina do Sul	Amures	413	13,89	2.561	86,11	2.974
Capão Alto	Amurres	606	20,19	2.395	79,81	3.001
Painel	Amures	823	34,62	1.554	65,38	2.377
Palmeira	Amures	762	35,99	1.355	64,01	2.117

Fonte: Contagem da população de Santa Catarina - IBGE -2000.

Lages é o centro polarizador da região e caracteriza-se como centro receptor do fluxo migratório da região. O município de Lages possui uma população de 156.406 habitantes, sendo 97,38% residentes na zona urbana e somente 2,62% residentes na zona rural⁵. Hoje, o município de Lages, predominantemente urbano, com uma economia pautada na indústria de transformação da madeira, metal mecânica e agropecuária, mostra-se insuficiente para absorver a população egressa do campo.

A tentativa de sobrevivência busca na economia de subsistência, atividades ligadas ao meio rural, ou seja, a produção artesanal de doces, compotas, vimes, lã e outras e que têm na prática representado uma alternativa difícil, pois a grande maioria da população vive na cidade. Outra fonte de sobrevivência é assegurada pela criação de animais de pequeno porte, que servem para alimentação familiar, prática transportada do tempo em que a moradia situava-se no campo. Do início da colonização até a década de 50, os caboclos da região tiveram duas opções de trabalho: ou ajudavam os fazendeiros na pecuária como peões ou capatazes ou, ainda, praticavam uma agricultura de subsistência. Descrevendo o caboclo serrano a partir de suas relações de produção e dado o modo como ele é visto, Munarim (2000) assim refere-se:

⁵ Fonte: Censo 2000 - IBGE. Contagem da População.

“Aos olhos da estrutura capitalista é realçada toda a inoperância do caboclo. Na periferia das cidades, é o inoportuno maior: pobre, desempregado, sem moradia, analfabeto ou semi-analfabeto, desanimado; enfim, peso morto ou parasitário da sociedade. Se por acaso é empregado, é indolente, lerdo e, em geral, mão-de-obra não especializada, normalmente servindo de bóia-fria, diarista no campo ou na construção civil, ou em empreitadas. Do seu meio surge com maior freqüência os causadores da criminalidade urbana. Ainda, na ótica do capitalismo agrário, é visto como um homem pobre por própria culpa, pois se dá o direito de recusar certos tipos de serviços preferindo a míngua. É ele vadio, dado a vícios, com freqüência suas filhas vão engrossar o grupo das prostitutas, mal alimentado e doente. Quando trabalha torna-se meeiro, ou trabalhador sazonal; não produz e nem capitaliza, não tem ambições ou perspectivas de vida” (RIBEIRO, Hércion apud MUNARIM, 2000).

Segundo dados da Fecam/Amures (1995), no município de Lages, 50% das indústrias pesquisadas surgiram na década de 80. As poucas e grandes indústrias existentes hoje, em Lages, como a cervejaria Brahma e a Alcoa com alta tecnologia empregam muito pouca força de trabalho disponível no município. Observa-se, que muitos jovens em plena idade produtiva deixam o município por falta de opção de trabalho (Munarim, 2000). Reforçando o pensamento acima colocado, Aued (1999), assim se manifesta:

"faz apenas dois séculos que o trabalho instituiu-se tal como é conhecido na atualidade: remunerado, principal meio de sobrevivência individual, relação de caráter fundamental. Na atualidade, também correlaciona-se o termo trabalho com crise. Estar em crise parece ser a marca de nossos dias. Há crise em quase tudo: no trabalho dos bancários, no fordismo, na educação e nas profissões. Hoje, mais do que ontem, fala-se em crise de emprego e de trabalho como se fossem sinônimos. Melhor seria que se fizesse menção à crise do pleno emprego, se é que algum dia ele existiu " (Aued, 1999: 15).

Neste contexto marcado fortemente pela crise de emprego faz-se necessária a busca de alternativas de sobrevivência. Assim emerge a proposta de incentivo a uma prática empreendedora que possa dar respostas à expectativa de trabalhadores excluídos do mercado de trabalho.

Lages depara-se com o problema do desemprego como sendo um dos mais cruciais existentes e de difícil solução. Ainda nesta pesquisa, constata-se a "baixa qualidade da força de trabalho" e a "baixa qualidade técnica dos empresários". Embora a taxa de analfabetismo⁶ no município venha lentamente caindo, ainda em 1992, existe 32% de analfabetos o que caracteriza tal município uma das regiões consideradas das

⁶ Dados fornecidos pela 7ª Coordenadoria Regional de Educação.

mais "atrasadas" do Estado de Santa Catarina e que contribuiu fortemente para o aumento do desemprego.

Lages, um município com uma área territorial⁷ de 2.645 Km², dos quais 116 Km² pertencem ao perímetro urbano, acomoda uma população vinda de todos os municípios da região onde predominam trabalhadores rurais emigrantes que quando chegam a Lages não encontram condições favoráveis de vida passam a engrossar o cinturão de excluídos. Vista em grandes planos históricos, a biografia de Lages encontra-se ligada à indústria extrativa da madeira, ciclo que acompanha a atividade econômica regional há mais de duzentos anos.

A BUSCA DE SOLUÇÕES COM BASE NA EXPERIÊNCIA ITALIANA

Procurando soluções para os problemas do desemprego, da falta de incentivo à pequena empresa e, principalmente, à estagnação econômica de regiões do Estado de Santa Catarina, em abril de 1996, no governo estadual de Paulo Afonso Vieira do (PMDB) e municipal de Fernando Agustini (PDT), um grupo de pessoas viaja para a Itália para conhecer uma experiência de incentivo ao empreendedorismo coordenado pelo Fórum Catarinense de Desenvolvimento⁸. O Fórum acontece com a

⁷ Fonte: Secretaria de Planejamento/Gaplan/1986.

⁸ O Fórum Catarinense de Desenvolvimento congrega as instituições governamentais e privadas voltadas ao desenvolvimento de Santa Catarina com a finalidade principal de integrar as instituições envolvidas, para que, de forma coordenada, concentrem esforços e recursos em ações

coordenação de Nelson Wedekin representante do governo do Estado, com o apoio do Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul - BRDE Nelson Casarotto Filho, da Federação da Agricultura do Estado de Santa Catarina - FAESC Antonio Carlos Zapellini, da Associação dos Municípios do Oeste de Santa Catarina - AMOSC Celso Vedana, do Serviço Brasileiro de Apoio a Micro e Pequena Empresa - SEBRAE representado por Enio Alberto Parmegiani e da Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina - FIESC representada por Moacir Sartori.

Em julho do mesmo ano, vem para Santa Catarina, a primeira missão com dois técnicos do Instituto Nomisma (Sociedade de Estudos Econômicos)⁹, a fim de diagnosticar as regiões do Estado. Segundo esses técnicos, um dos aspectos mais importantes diagnosticados foi o fraco nível de integração entre empresas e, entre elas, as instituições governamentais ou privadas.

Num segundo momento, o Fórum Catarinense de Desenvolvimento promove mais uma missão: visitar Bologna, com

prioritárias, que visem o desenvolvimento harmônico e integrado do Estado, implementa nas diversas regiões do estado, os Fóruns Regionais de Desenvolvimento, com o objetivo de organizar as diversas iniciativas, projetos e propostas de desenvolvimento da promoção e de parcerias de entidades de desenvolvimento do estado de Santa Catarina com outras nacionais e internacionais.

⁹ O Nomisma, que no grego antigo significa "valor real das coisas", exercita suas funções de observatório do fenômeno econômico, concentrando maior atenção à economia real por meio de estudos e pesquisas aplicadas. Constituído em Bologna em 1981, desenvolve estudos e pesquisas nacionais e internacionais.

o objetivo de reconhecer os mecanismos de implementação da experiência de empreendedorismo.

Ainda em outubro de 1996, uma missão composta pelos técnicos representantes dos órgãos acima citados, organizada pelo Instituto Nomisma e seu representante no Brasil, Pires e Associados, conhece uma série de instituições integradoras na Região de Emília Romagna, na Itália e conhece suas experiências, seus mecanismos e estruturas de funcionamento.

No retorno, a equipe elabora um relatório sobre o "espírito" de cooperação observado. Relata experiências vivenciadas nas Associações da Pequena Indústria e Confederação da Empresa Artesanal, o Consórcio da Batata Típica da Bologna-, o Consórcio de Comercialização Gari - Bologna, o Consórcio de Garantia de Financiamento, o Observatório Agroindustrial do Instituto Nomisma e o Parque Tecnológico Centuria.

Na cidade de Lages, a Prefeitura Municipal através da Secretaria de Desenvolvimento e Integração Regional projeta uma forma de incentivo à geração de emprego e renda para o município a exemplo do que a equipe observara na Itália. A idéia inicial é estender a experiência na Região Oeste e, posteriormente, para a Região Serrana de Santa Catarina.

Como representantes deste esforço participam: representantes da Associação Comercial e Industrial de Lages - ACIL, do Serviço Brasileiro de Apoio a Micro e Pequena Empresa - SEBRAE, do Serviço Nacional do Comércio - SENAC, do Serviço Nacional da Indústria - SENAI, da Universidade do Planalto Catarinense - UNIPLAC, da Casa do Trabalhador, da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina - EPAGRI, do Comércio de Diretores Lojistas - CDL, da União das Associações de Moradores e Associação das Micro e Pequenas Empresas.

Ao tentar implementar a experiência, inúmeras são as dificuldades enfrentadas pela equipe envolvida na elaboração da proposta, cuja intenção é mudar esse estado de coisas e fazer da região serrana um pólo de industrialização. A proposta de desenvolvimento inicia-se pelos bairros periféricos da cidade de Lages, valorizando cada comércio e tornando-o de importância na comunidade onde se insere.

A experiência de "Bairros Que Trabalham" é o resultado da observação de uma experiência bem sucedida de cooperação estabelecida entre instituições, trabalhadores e sociedade, na busca de alternativas para a solução de problemas na Itália.

A EXPERIÊNCIA ITALIANA

No norte da Itália¹⁰, ao invés de serem criados empregos públicos, estimulam-se a parceria e o empreendedor privado. Esta parceria é vivenciada em todas as instituições e é mais acentuada na prestação de serviços como a pesquisa, a estatística, os projetos e a consultoria. Especificamente, na Itália, os processos de representatividade, associativismo, cooperativismo, consórcios, crédito, contemplam todos os segmentos e setores da sociedade.

Uma situação fundamental do modelo e da organização italiana consiste na interação permanente das Instituições entre si num processo constante de complementaridade e não de concorrência ou de sobreposição de atividades e de atribuições elevando em quantidade e qualidade o setor de prestação de serviços e, ainda, a uma eficiência tecnológica de destaque. O modelo italiano caracteriza-se pela diferenciação regional, pela forte presença de movimentos cooperativos oriundos do pós-guerra, pela influência do partido comunista italiano na região de Emília Romagna e pela implementação de uma política de apoio a micro e pequena empresas e cooperativas. Entretanto, um forte movimento

¹⁰ A Itália tem 301.302.Km. Sua população é de 57 milhões de habitantes. A topografia é composta de 35,2% de montanhas, 41,6% de colinas e 23,2% de planícies. A organização administrativa italiana é composta de: Governo Central (Parlamentarista) 20 Regiões, 95 Províncias e 8.101 Municípios (CASAROTTO 1999, p 11).

operário com sindicatos ativos na negociação da organização da produção e do trabalho aliados a um arrojo institucional (discutível) limitam os direitos trabalhistas nas empresas com menos de dezesseis trabalhadores.

A consolidação da integração Italiana é viabilizada pelo acesso e pela disponibilidade do crédito. A atividade financeira é um meio (viabilizador) para nascimento, desenvolvimento de novas indústrias ou expansão e internacionalização das já existentes. Essa cultura consolida um banco local que presta normalmente todos os serviços inerentes ao sistema financeiro nacional e europeu, de forma integrada e automatizada. Todo o processo organizativo italiano facilita e estimula a formalidade do setor produtivo. O diferencial na atuação governamental italiana é a forte participação das Instituições e da iniciativa privada em todas as atividades de execução no âmbito governamental.

A Itália é um dos países que integra a Comunidade Econômica Européia, hoje, União Européia desde 1952. Estes 44 anos de União Européia possibilita um exercício permanente de planejamento e de ações integradas na busca do desenvolvimento equilibrado e conjunto entre os países membros. Tal planejamento prioriza projetos de longo prazo em infra-estruturas de aproximação entre as áreas produtoras,

especialmente agrícolas, aos centros de consumo, tanto no âmbito interno do país, como de integração no mercado comum.

Observa-se ainda, como um fator importante, a base regional de planejamento tanto em nível governamental como empresarial e das instituições de serviços, permitindo a existência de um banco de dados para consultas e pesquisas permanentemente atualizadas.

UNIÃO EUROPÉIA

A União Européia¹¹ possui um Comitê Regional formado por 222 membros de representações de entidades locais e regionais para um mandato de quatro anos. O Tratado da União Européia prevê a constituição obrigatória por intermédio deste Comitê de uma série de organismos institucionais voltados à organização da sociedade no âmbito regional dos países membros da Comunidade como por exemplo: Juventude, Agricultura, Cultura, Saneamento Básico e Ambiental, Transportes, Comunicações, Energia, Coesão Social, etc.

Para complementar a estrutura da União Européia existe uma Instituição que se chama Banco Europeu de Investimentos

¹¹ Uma organização administrativa formada por um Parlamento, um Conselho Europeu composto pelos Ministros de Estados, um Conselho da União Européia composta por representantes de cada país a nível de seus ministérios, uma Comissão Européia exerce as funções legislativas dos acordos efetuados; uma Corte de Justiça; uma Corte de Contas Europeias e ainda os Comitês de Representatividade dos Interesses Econômicos, Sociais e Regionais.

para fontes de financiamentos e investimentos comunitários. Este Banco, diferente de outros, não tem como objetivo o lucro e, sim, o financiamento dos projetos definidos como prioritários, voltados ao desenvolvimento equilibrado da União Européia. Além disso, ainda, contribui na política de Cooperação Internacional da União Européia com os demais países do mundo como África, Caribe, Europa Oriental e Central, Ásia e América Latina. A partir de 1994, iniciam-se estudos para criação do Instituto Monetário Europeu com o objetivo de implantar uma moeda única na Europa.

Dos países que compõem a União Européia cada um tem sua própria soberania e autonomia e as únicas interferências ocorrem nas fontes de financiamentos do Banco Europeu de Investimentos. Cabe salientar que a divisão dos espaços territoriais obedece a uma série de critérios da UE, especialmente, as afinidades culturais, a organização social e o zoneamento agrícola, definindo as carências da cada região e priorizando a essas regiões acesso a recursos subsidiados de até 100% do investimento.

É importante destacar o planejamento integrado do sistema viário (portos, aeroportos, hidrovias, ferrovias e rodovias) como prioridades para a União Européia com o objetivo de aproximar cada vez mais a produção e a transformação dos centros de consumo.

REDE DE EMPRESAS NO NORTE DA ITÁLIA

Em termos empresariais, prevalece a característica de rede, um empreendimento que não depende de uma grande empresa mãe mas, sim, das próprias pequenas empresas que, através de um mecanismo de consórcio, simulam coordenação da grande empresa, porém, com maior flexibilidade e agilidade.

Na província de Modena, por exemplo, considerado o maior pólo cerâmico mundial, identificam-se pequenas e médias indústrias cerâmicas e empreendimentos dependentes e decorrentes da Indústria Cerâmica Regional. Igualmente ocorre isto na agricultura, na Região de Emília Romagna, onde praticamente todos os espaços possíveis são cultivados e não se identifica nenhum grande complexo agroindustrial.

A organização dos produtores e da produção, apesar de beneficiados com a política agrícola da União Européia, possuem um diferencial muito forte. É a organização que isenta do atravessador produz, transforma e distribui, a partir do agricultor que se auto seleciona. Esses pequenos agrupamentos de produtores organizados em cooperativas, associações e ligados a operadores comerciais para valorizar o produto, agregam valores à sua produção nos processos mais simples de transformação. Os mecanismos são relativamente simples, como o Consórcio de Valorização de produto, cujo principal representante é o Consórcio da Batata Típica da

Bologna, formado por cooperativas e empresas de comercialização. Os produtores unem-se num esforço de marketing e qualidade para tornar seus produtos conhecidos além fronteiras.

Na área industrial sobressaem os consórcios de formação de produto capazes de assegurar aos pequenos fabricantes que possam se especializar num tipo de equipamento. Chegam a fornecer uma vinícola inteira, através de um Consórcio, que nada mais é do que a imagem virtual de uma grande empresa, mas com mais agilidade e flexibilidade.

ASSOCIAÇÕES EMPRESARIAIS NA ITÁLIA

As formas de associações empresariais têm sido apontadas como uma das razões do sucesso das pequenas empresas. Na verdade, a flexibilidade, a dinâmica e a criatividade são as principais qualidades das empresas e dos empreendedores, sendo ponto de referência e de propaganda em outros países.

API - Associação das Pequenas Indústrias - criada em 1954 na província Reggio Emilia, tem sido considerada como o mais eficiente instrumento de defesa de resultados e de garantia de futuro das pequenas e médias indústrias reggianas. A API representa, defende e promove interesses dos associados em relação às instituições, forças políticas, sociais e opinião pública, além de oferecer uma rede de serviços de consultoria

e assistência às próprias empresas. A associação, um modo de assegurar o êxito em relação ao conjunto dos problemas e das exigências dos empreendedores e das empresas, disponibiliza aos associados uma série de serviços. O serviço de crédito é uma consultoria prestada diretamente às empresas com planos de expansão ou melhorias de processo/ produto.

As consultorias financeiras (avaliação sobre a possibilidade de financiamento e formas), crédito facilitado (normas e possibilidades de acesso), crédito a médio e curto prazo (informação e consultoria sobre empréstimos e planos de investimentos para construção, ampliação e compra de equipamentos), dão informações comerciais e fazem recuperação de créditos no país e fora dele. Já, o Consórcio de Garantia de Crédito é uma espécie de ressegurador das cooperativas, fortalecendo o sistema para negociação junto ao Sistema Bancário. As empresas ligadas à API obtêm recursos a uma taxa de 10,25% ao ano, ou seja, 0,5% abaixo da taxa para grandes empresas. A operação é feita mediante contrato empresa/banco com interveniência da respectiva cooperativa e do consórcio. A cooperativa avaliza 50% da operação e a pequena empresa está dispensada de apresentar garantias reais. Em apenas 5% delas há necessidade de garantia real (CASAROTTO, 1999).

A API orienta ainda sobre as alterações legais em relação à fiscalização e à tributação nas áreas de informações e

consultoria. Serviços são prestados também, nas áreas da previdência social, fiscal e sindical, relacionadas a salários e outros encargos e existe uma relação próxima com os sindicatos encaminhando assuntos coletivos e individuais de associados.

A API é composta por 500 empresas de até 300 empregados, sendo a média de 25 empregados por empresa. As empresas em conjunto faturam cerca de US\$ 5 milhões por ano. Entre os principais setores produtivos destacam-se os de plástico e borracha, seguidos dos de alimentos e química.

REGIÃO DE EMÍLIA ROMAGNA

Esta região caracteriza-se pela formação da pequena indústria cujo setor mais forte é o metal mecânico. Nela também existe uma especialização produtiva regional devido à baixa presença de grupos estrangeiros e pela produção voltada para a exportação e pela autonomia das pequenas empresas frente às grandes. Há, também, uma difusão social das qualificações devido à exigência de alta qualificação profissional na pequena empresa e, por fim, a incorporação de tecnologia de ponta com organização industrial em forma de rede com empresas tecnicamente avançadas.

Tudo isso se insere num contexto histórico de cooperativismo incentivado pelos comunistas com força

política hegemônica na região de promoção à pequena empresa, de capacitação técnica e qualificação profissional.

ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

A estrutura organizativa do trabalho é baseado em projetos próprios de organização do trabalho para a negociação com a empresa. A negociação é realizada a partir das metas de produtividade, tempo de atravessamento e inovação do produto. Baseado na experiência e nas avaliações técnicas, chega-se a uma proposta de organização do trabalho controlada pelo próprio grupo de trabalhadores sem chefia, com uma coordenação de fronteiras exercida em rodízio e sem poder disciplinar. É importante observar que o conhecimento prático continua sendo dos trabalhadores, avançando o processo produtivo negociável onde há uma recuperação formal do poder de intervenção no processo de trabalho, aumentos salariais e/ ou redução da jornada.

O modelo da "terceira Itália" é voltado para a produção em massa (por encomenda, pequenos lotes) ou produção tradicional (couro, móveis, têxtil, confecções).

Uma herança profunda marca a região italiana de Emília Romana, onde organizações associativas de pequenas e médias empresas têm conseguido sobreviver com sucesso num mundo

globalizado e altamente competitivo como o atual. A história afamada de domínio dos "comunistas" italianos, caracterizados como sociais democratas, é talvez a característica que explica o alto grau de associativismo ou cooperação lá existente. Esta forma de organização de trabalho faz com que, pequenas empresas associadas em consórcios, tenham competitividade internacional e que a região tenha uma renda per capita acima dos 25 mil dólares anuais com desenvolvimento sustentado.

As diferenças observadas entre as formas de organização do trabalho na Itália e no Brasil conduz a uma reflexão em torno do pensamento de Aued (1999) quando diz:

"há medidas político-governamentais que tentam estancar a hemorragia do desemprego. Reativam-se estratégias macroeconômicas de postos de trabalho e de melhorias na qualificação profissional. Ainda, assim, expande-se a precarização das condições gerais de trabalho e cresce o subemprego em suas variadas formas (Aued, 1999: 16).

O que tem preocupado estudiosos do mundo é que, a classe trabalhadora não caminha para sua eliminação e, sim, para sua precarização e intensificação. Constata-se que o maior desafio da classe trabalhadora nesta virada de século, é o de pertencer a uma categoria existente entre os diversos

segmentos que compreendem o mundo do trabalho. Para Antunes (1999),

“a humanidade teria condições de se reproduzir socialmente em escala mundial, se a produção destrutiva fosse eliminada e se a produção social fosse voltada não para a lógica do mercado, mas para a produção de coisas socialmente úteis” (Antunes, 1999: 102).

Pretende-se com a proposta do BQT, alternativas possíveis de gerar trabalho e renda a partir da valorização das microempresas localizadas nos bairros da cidade.

PROJETO “BAIRROS QUE TRABALHAM”

O projeto “Bairros Que Trabalham” representa uma “alternativa” para a solução de problemas de desemprego que hoje, atinge um número elevado de pessoas na idade produtiva.

A População Economicamente Ativa¹² da cidade de Lages está em torno de 54.742 pessoas, destes, 7.800 trabalhadores aproximadamente encontram-se desempregados, o que caracteriza a necessidade de investimento na qualificação dessa força de trabalho e a promoção de geração de trabalho e renda para os mesmos. Lages detém 49,49% da PEA envolvida com atividades ligadas ao setor terciário (comércio, prestação de serviços, educação, transportes e comunicação).

O Plano delineado inicialmente para a cidade de Lages, define estratégias básicas para a estruturação do Projeto Bairros Que Trabalham, bem como a aplicação dos meios disponíveis com vista à consecução de objetivos propostos. O projeto deve promover o fomento de potenciais empresários e dos empresários já existentes, qualificar e preparar pessoas em suas atividades, capacitando-as à fabricação, comercialização e gestão de seus negócios. O grande desafio proposto à administração municipal consiste na promoção do desenvolvimento gradativo e assistido dos bairros da cidade de Lages, através da criação de pequenas empresas formais ou informais, cooperativas e associações geradoras de oportunidades de trabalho, renda e atividade empresarial no próprio bairro.

¹² FONTE: Secretaria de Desenvolvimento Econômico do Município de Lages/2001.

REGULAMENTAÇÃO DO PROJETO

Para tal, O Decreto Municipal nº 5416, de 08 de dezembro de 1998, regulamenta a Lei Complementar nº 098 de 02 de julho de 1998, que cria o Programa Berçário Empresarial denominando projeto "Bairros Que Trabalham" nos limites do município de Lages.

Essa Lei Complementar traz, em seus artigos, aspectos importantes a serem ressaltados.

O projeto Bairros Que Trabalham tem como objetivos principais:

Fomentar e apoiar a geração de novos negócios no município de Lages;

Acompanhar o desenvolvimento de pequenos negócios, novos e existentes;

Promover treinamento profissional e gerencial e

Ainda, segundo a Lei em seu art. 3º, as empresas que participam do Berçário Empresarial - "Bairros Que Trabalham" cuja receita bruta for inferior a 36.000 UFIRs/ano ficarão isentas de impostos e taxas municipais pelo prazo máximo de dois anos, não podendo ser prorrogados, mesmo que tenha havido mudança de atividade durante o período.

O projeto envolve o Conselho Municipal de Trabalho e Emprego formado por representantes do poder público municipal, representantes de entidades patronais e dos

empregados, Prefeitura Municipal de Lages/Secretaria do Desenvolvimento e Integração Regional, Secretaria de Estado do Desenvolvimento Social e da Família e as parcerias representadas pelo SEBRAE, SENAI, SENAC, ACIL, CDL, UNIPLAC, EPAGRI, Casa do Trabalhador, União das Associações de Moradores e Associação das Micro e Pequenas Empresas. Cada órgão parceiro tem a responsabilidade de participar do planejamento e execução das etapas do projeto, dentro de suas competências.

Esse projeto tem por meta a geração de 2,5 mil novas oportunidades de trabalho, utilizando forma de **micro e pequenas empresas**, sustentadas com financiamento, treinamento gerencial e acompanhamento técnico. O projeto "Bairros Que Trabalham" forma-se no crescimento sustentado do município, criando nos bairros da cidade de Lages alternativas empresariais de baixo investimento e de acordo com a vocação do próprio bairro.

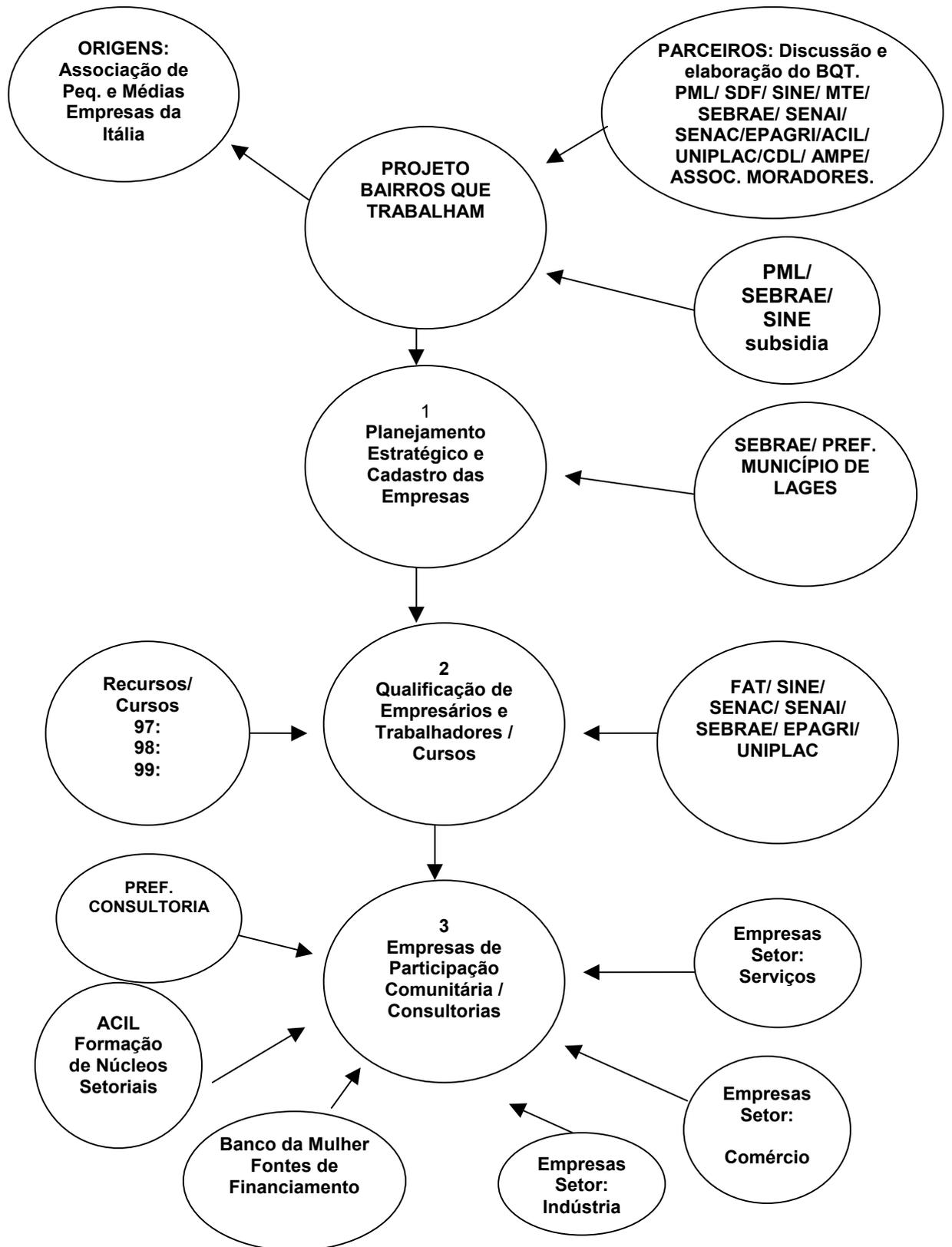


Figura 1. Estrutura Organizacional para a Formação do BQT
 Fonte: Pesquisa - Prof. Aliete Perin Araújo.

ESTRUTURA DO PROJETO

O projeto "Bairros Que Trabalham" apresenta em sua estrutura, fases distintas que vão desde o seu planejamento à consultoria, acompanhamento e avaliação. Num primeiro passo dado, mobiliza-se a comunidade em geral (trabalhadores, jovens egressos do 2º grau, empresários, mulheres, lideranças comunitárias, e pessoas que desejam iniciar um negócio), dos bairros de Lages para que sensibilizados possam participar e contribuir na elaboração de um planejamento sócio-econômico no bairro em que habitam.

Na fase de planejamento do BQT, congregam-se órgãos, entidades e lideranças locais em torno da execução de ações conjuntas e estabelecimento de objetivos do plano. A metodologia utilizada prevê a participação de micro e pequenos empresários, moradores e lideranças comunitárias assessorados pelos técnicos do SEBRAE responsáveis pela região.

Segundo o Relatório de Atividades do Projeto "Bairros Que Trabalham" de 1999, o plano é dividido em 12 regiões, compondo 69 bairros, inclusive, o centro da cidade, cada um denominando-se assim Projeto "Bairros Que Trabalham".

O programa assume proporções significativas no município e na região e a meta inicial de atender somente micro e

pequenas empresas é ampliada, incorporando grupos de artesanatos, jovens recém-saídos dos cursos profissionalizantes, mulheres que desenvolvem trabalhos artesanais nas comunidades através do SAMT Serviço de Atendimento ao Menor Trabalhador da Prefeitura Municipal e, também, pequenos produtores rurais urbanos que recebem o acompanhamento dos agentes de desenvolvimento do "Bairros Que Trabalham".

Ao todo, implanta-se o BQT em 69 bairros de Lages, agrupados em doze regiões. A pesquisa atem-se à Região "I" abrangendo os Bairros São Miguel e Penha.

OPERACIONALIZAÇÃO DO PROJETO - FASE 1 DO PROJETO BQT

O projeto desenvolve-se a partir de um planejamento estratégico que implica: um Planejamento Estratégico e Arregimentação da região estudada onde são levantadas as potencialidades, problemas e oportunidades para o desenvolvimento da comunidade em estudo. O planejamento alicerça o trabalho de rastreamento quadra a quadra, de todas as atividades econômicas desenvolvidas na região, independentes delas serem formais ou informais. Durante o Planejamento Estratégico são convidados empresários para participarem dos Núcleos Setoriais e, ainda, pessoas da comunidade para participarem dos programas: Empresa de

Participação Comunitária e reuniões de Metodologia de Resolução de Problemas. O Plano Estratégico tem por base a metodologia do PRODER - Programa de Emprego e Renda do SEBRAE, programa este de mobilização comunitária criado para desenvolver a economia das comunidades, a partir da identificação e exploração racional das potencialidades estratégicas disponíveis. Essas potencialidades são: recursos naturais e culturais aproveitáveis, vocações econômicas e habilidades produtivas.

Em cada região que abriga o Bairros Que Trabalham ocorre o Plano Estratégico coordenado pelo PRODER, com estudos específicos sobre as comunidades. O Plano identifica as vocações e aponta oportunidades de crescimento. Para cada uma das regiões são elaborados objetivos a serem cumpridos durante a execução do Projeto como:

- elaborar documento com potencialidades e vazios econômicos;
- identificar os recursos estratégicos disponíveis na comunidade, inclusive os de qualificação e requalificação profissional;
- incentivar a criação de novas empresas;
- gerar novos empregos;

- fortalecer as empresas atualmente instaladas na comunidade em consonância com a vocação levantada;
- valorizar o comércio local, para um desenvolvimento sustentado da comunidade;
- melhorar a qualidade de vida da população;
- desenvolver atividades de associativismo através do fomento à criação de Empresas de Participação Comunitária - EPC e Núcleos Setoriais.

De acordo com o levantamento efetuado, os bairros são cadastrados por regiões. O quadro a seguir sintetiza o número de regiões e os bairros que cada uma compreende.

Quadro 1. Relação das Regiões da cidade e bairros que compõem o BQT

Região A	Guarujá, D. Daniel, Pisani, Jardim Celina, Guadelajara, Tributo
Região B	Santa Mônica, Caroba, Área Industrial, Santa Cândida, Boqueirão, Vista Alegre
Região C	Copacabana, Santa Helena, Bela Vista, Pró-Morar, Triângulo, Lot. Golin
Região D	Sta. Catarina, Sta. Clara, Cruz de Malta. Araucária, S. Luiz, Sto. Antonio, Maria Angélica, Conte.
Região E	Centenário, Morro Grande, Santa Rita, Vila Nova.
Região F	Conta Dinheiro, Passo Fundo, Vila Maria,, Jardim das Camélias, Nossa Senhora Aparecida, São Carlos, Restinga Seca, Maria Luiza
Região G	Jardim Panorâmico, Ponte Grande, Gethal, São Sebastião, Santa Maria, São Vicente, Cohab 03, Vila Mariza, Chapada
Região H	São Francisco, São Paulo, São Pedro, Morro do Posto, Guadalupe, Frei Rogério, Vila Comboni
Região I	Penha , São Miguel
Região J	Bom Jesus, Caça e Tiro, Habitação, Várzea
Região L	Universitário, Popular, Caravágio, Ferrovia
Região M	Beatriz, Ipiranga, Petrópolis

A operacionalização da fase 1 é coordenada pelo SEBRAE através da contratação de técnicos de empresa terceirizada e especializada para execução do Planejamento Estratégico, com duração de 6 meses.

Os custos para realização dessa fase dependem de recursos do SEBRAE/NA e Prefeitura Municipal de Lages. É importante ressaltar que para operacionalizar as fases seguintes do Projeto BQT é necessário cadastrar todas as empresas formais e informais do município, através de um rastreamento das

regiões conforme quadro 1, traçando um perfil das empresas e dos empresários de Lages. De acordo com o levantamento efetuado, os bairros são cadastrados por regiões. De cada região, conforme perfil traçado, saem as pessoas que possuem talento para o empreendedorismo, sendo que, as demais são qualificadas em outros setores econômicos para atuarem como empregadas nas empresas que abrirão, ou, em outras já existentes.

FASE 2 DO PROJETO BQT

Numa 2ª fase, trabalha-se a capacitação das pessoas que participam do projeto de acordo com as vocações detectadas no diagnóstico elaborado pela fase 1.

A capacitação tem por objetivos:

- levar a capacitação da mão-de-obra diretamente à região (bairros), aos empresários, candidatos a empresários e pessoas em geral;
- garantir maior participação do treinando nos cursos realizados em sua comunidade;
- garantir um maior nível de aproveitamento do treinando pelo fato de estar em seu ambiente social;
- preparar empresários e futuros empresários para administração de seus negócios;

- minimizar o risco de quebras e falências na empresa e
- suprir as empresas de mão-de-obra qualificada nos setores da indústria, do comércio e de serviços.

Por se tratar de uma das fases fundamentais para alcançar as metas propostas pelo BQT, a fase 2 apresenta ações diferenciadas dependendo das funções de cada participante (empresário ou não).

Quadro 2. Distribuição da carga horária - Ações desenvolvidas na fase 2 do Projeto BQT

AÇÕES	HORAS DE TREINAMENTO	INVESTIMENTO(R\$ MIL)
Primeira Ação – Curso “Entendendo o Mundo dos Peq. Negócios” – para empreendedores.	3.120 h	93,6
Segunda Ação – Curso “Introdução ao Mundo dos Peq. Negócios” - para empreendedores.	4.800 h	144,0
Terceira Ação – Curso “Capacitação de mão de obra” - para as pessoas que não apresentam talento para o empreendedorismo.	10.800 h	324,0
TOTAL	18.720 h	561,6

Esses cursos foram executados nos anos de 97/98/99, com recursos oriundos do Fundo de Amparo ao Trabalhador - FAT, convênio com a Secretaria de Estado do Desenvolvimento Social

e da Família/Sistema Nacional de Emprego - SINE, em parceria com as entidades executoras do programa de educação profissional, já mencionadas anteriormente.

OPERACIONALIZAÇÃO DAS AÇÕES DO QUADRO 2

a) Entendendo o Mundo dos Negócios

Numa 1ª ação, o Programa Escola do Empresário realiza o Curso Entendendo o Mundo dos Pequenos Negócios, por meio de palestras, treinamentos e consultorias, visando a um desenvolvimento do empresário e a um acompanhamento da empresa para garantia de seu sucesso.

Nesta ação, realizam-se 6 (seis) cursos de 192 horas-aulas com os temas: Desenvolvimento Gerencial, Administração de Pequenos Negócios, Qualidade no Atendimento ao Público, Relações Humanas no Trabalho, Como Planejar seu Negócio e Negociação Bancária, sendo que ao todo participam 1.353 alunos.

No quadro 3, pode-se observar o demonstrativo dos cursos Entendendo o Mundo dos Negócios.

Quadro 3. Distribuição da carga horária dos cursos "Entendendo o Mundo dos Negócios"

CURSOS	ALUNOS
--------	--------

Administração de Pequenos Negócios	296 - 192 h/a de curso – SEBRAE/UNIPAC
Relações Humanas	239 - 192 h/a de curso – SEBRAE/UNIPAC
Qualidade no Atendimento ao Público	260 - 192 h/a de curso – SEBRAE/UNIPAC
Desenvolvimento Gerencial	238 - 192 h/a de curso – SEBRAE/UNIPAC
Como Planejar seu Negócio	185 - 192 h/a de curso – SEBRAE/UNIPAC
Negociação Bancária	135 - 192 h/a de curso – SEBRAE/UNIPAC
TOTAL	1.353 ALUNOS

Faz parte também dessa ação, um conjunto de doze palestras enfocando os temas:

- Conjuntura Econômica Global - Plano Real;
- Conjuntura Econômica Regional,
- Como Registrar sua Marca;
- Administração do Tempo do Empresário;
- O Meio Ambiente e a Empresa;
- Administração de Compras e Estoque;
- Alcoolismo na Empresa;
- Sucessão e Profissionalização Empresarial;
- Administração Tributária;
- Código de Defesa do Consumidor e
- Informatização e Tecnologia, Treinamento e Educação Empresarial.

Os cursos e palestras foram trabalhados por professores contratados pelo SEBRAE, professores da UNIPLAC, com recursos do FAT/SINE, SEBRAE/NA e Prefeitura Municipal de Lages. A respeito do valor dos recursos aplicados não se obteve informações.

b) Introdução ao Mundo dos Pequenos Negócios

A partir deste momento, o projeto realiza a ação mais particularizada com apenas um grupo de empreendedores selecionados ao final da fase um. Nessa seleção consideram-se o nível de desenvolvimento pessoal, o conhecimento e o domínio de atividades, capacidade empreendedora, vontade e talento para o negócio. Diante dessa realidade, os próprios candidatos, após uma entrevista com os técnicos, tomam a decisão que melhor lhes coube. Ao todo, são selecionados 30 a 35 micro e pequenos empreendedores da cada região que participam do curso anterior. O participante do curso não tem nenhum desembolso, mas compromete-se a gerar, de um a três empregos, ao final da ação. Após o empresário adentrar o mundo dos pequenos negócios há proposta de empréstimos para alavancagem de seus negócios através Banco de Crédito. O conteúdo trabalhado com esse público, desenvolve-se em forma de palestras, treinamentos e consultoria especializada, com vistas à elaboração do Plano de Negócios das empresas novas,

ou mesmo, das já existentes, mas que passam a integrar o BQT.

Entre os temas trabalhados estão: a Conjuntura Econômica Global/Regional, Empreendedorismo, Registro de uma Empresa, Administração de Compras e Estoque, Tempo e Administração Tributária do Empresário, Código de Defesa do Consumidor, Marketing e Vendas. Com o desenvolvimento desta ação, os órgãos de coordenação do Projeto (Conselho Municipal de Trabalho e Emprego, SDF/SINE, e a Prefeitura Municipal de Lages), tem expectativa de gerar cerca de 400 novos negócios que representam, em média, 1.200 novos postos de trabalho. Segundo o relatório de atividades do projeto de 1999, constata-se 403 empresas cadastradas no BQT, porém não há dados registrados que comprovem a abertura de vagas para admissão de pessoal. Os novos negócios financiados por bancos privados e públicos têm como garantia o aval do SEBRAE/SC, que faz todo o acompanhamento sobre a necessidade de capital e do investimento realizados, não garantindo, porém, ao Banco, o pagamento do capital. Surge neste momento, a grande dificuldade de conseguir financiamento, pois não existe capital que garanta o valor do empréstimo solicitado.

Ainda na fase 2, realiza-se quatro horas de consultoria especializada por aluno, com os temas Administração Financeira, Marketing e Produção. A consultoria especializada é feita por uma equipe de consultores juniores recrutados

junto à Universidade do Planalto Catarinense/UNIPLAC e treinados pelo SEBRAE. Aos acadêmicos é concedida uma bolsa-auxílio cujo valor ignora-se.

c) Capacitação

A força-de-trabalho das doze regiões, cujo perfil empreendedor não atende às exigências do mercado, é convidada a participar de cursos de qualificação profissional nos setores definidos pela vocação das empresas. Os cursos são ministrados pelas entidades parceiras contratadas pela SDF/SINE. A participação de homens mulheres e jovens na fase inicial do projeto permite detectar suas aptidões e, embora os mesmos não apresentem as condições empreendedoras exigidas poderão ser aproveitados no setor empresarial como empregados.

No período de 1997, início do BQT e durante os anos de 1998 e 1999 foram executados cursos de qualificação nas áreas dos setores econômicos (indústria, comércio, serviços e gestão empresarial) totalizando 45 cursos, conforme quadro abaixo.

Quadro 4. Distribuição de Cursos de Qualificação Profissional do BQT

CURSO	Nº DE ALUNOS	C/H TOTAL	EXECUTORA	CUSTO R\$
Costura Industrial	140	1.600 h/a	SENAI	41.888,00

Artesanato em vime	140	1.060 h/a	SENAC	27.750,80
Informática básica	322	1.000 h/a	SENAC	60.214,00
Artesanato de pano e vidro	16	40 h/a	SENAC	1.196,80
Massas e congelados	40	200 h/a	SENAC	14.960,00
Excelência em vendas	36	80 h/a	SENAC	5.385,60
Embalagem ornamental	16	40 h/a	SENAC	1.196,80
Eficácia no atendimento	25	40 h/a	SENAC	1.870,00
Básico de cabeleireiro	16	140 h/a	SENAC	4.188,80
TOTAL	751	4.200		158.650,80

Vale ressaltar que houve uma expectativa dos coordenadores do projeto BQT, em capacitar cerca de 300 pessoas por região, o que daria um total de aproximadamente 3.600 trabalhadores qualificados. A meta estabelecida, porém não é cumprida. O tempo previsto para a execução das ações da fase 2 é de 7 meses (junho a dezembro/97), para a capacitação gerencial, simultaneamente, nas doze regiões, enquanto, a partir de agosto/97, no mesmo período de 1998 e 1999, acontece a capacitação profissional para os demais trabalhadores das regiões mapeadas de Lages.

A fonte de recursos para a qualificação provém do FAT/SINE. Segundo Luiz Pflieger, coordenador do projeto, foram aplicados no período de 1997 a 2000, o valor de R\$ 360.000,00 na qualificação de pessoal (empresários e trabalhadores),

recursos oriundos do FAT/SINE, SEBRAE/NA e Prefeitura de Lages.

FASE 3 DO PROJETO BQT

Os empresários que participam da fase dois são direcionados para várias atividades e programas que visam sustentar o projeto. As atividades e programas são: a participação em núcleos setoriais, incubadoras tecnológicas ou condomínios empresariais, administração de crédito e consultoria de acompanhamento. A consultoria de acompanhamento iniciada já na fase dois, acompanha e verifica quais empresas têm condições de assumir financiamentos para alavancagem de seus negócios, garantindo assim um menor risco nas operações e maior sucesso empresarial.

Durante a realização da fase 2, aproximadamente no terceiro mês de execução de cada região, dá-se início à fase 3, em que se avalia os empresários para participarem dos programas de sustentação do Projeto Bairros Que Trabalham. Tais empresários necessitam de contínuo incentivo e de apoio para consolidarem suas empresas e promover o desenvolvimento sustentado das micro regiões. Os técnicos do SEBRAE acompanham todas as empresas participantes da fase 2, bem como, as novas empresas criadas, as condições econômico-

financeiras das mesmas para promover empréstimos visando à alavancagem dos negócios.

PROGRAMAS DE SUSTENTAÇÃO DO PROJETO BQT

a) Empresa de Participação Comunitária

Como resultado do processo BQT, cria-se a Empresa de Participação Comunitária - EPC uma alternativa para alavancar o desenvolvimento auto-sustentável da comunidade a partir do associativismo. A EPC, é uma sociedade anônima independente, de capital fechado, juridicamente constituída e autônoma, com o objetivo de controlar empresas afiliadas, sem com isto, praticar por ela mesma atividades comerciais ou industriais, ou seja, é uma sociedade sem atividade produtora própria, destinada em sua forma adulta, a controlar financeiramente e, também, a criar empresas a ela afiliadas.

A EPC é formada por 80 a 200 sócios (pessoas físicas), contribuintes com uma pequena parcela mensal (R\$15 a R\$50,) cujo montante ao final de 12 meses, pode ser aplicado em empresas existentes ou em novos negócios. Segundo informações colhidas junto à coordenação do projeto, no período da pesquisa, o programa das EPCs não foi operacionalizado. Teoricamente ele é interessante contudo, não existe condição de avaliá-lo, já que o mesmo não saiu do papel. Faz parte também do projeto, um outro programa desenvolvido junto à

Associação Comercial e Industrial de Lages que tem a participação de empresários do BQT.

b) Núcleos Setoriais/Empresariais

Os Núcleos Setoriais/Empresariais são grupos de empresários do mesmo ramo ou com problemas semelhantes reunidos sob a coordenação da Associação Comercial e Industrial de Lages - ACIL -, com vistas à troca de experiências, aprendizado e melhoria de tecnologia, destinado ao crescimento homogêneo do setor ou do grupo. O processo de formação dos Núcleos Setoriais está embasado no conceito de participação, associativismo e profissionalização. Através do projeto BQT, alguns empresários fazem parte dos núcleos atualmente gerenciados pela ACIL. A ACIL possui 20 núcleos setoriais em pleno funcionamento, contemplando 17 setores econômicos tendo em vista sua atuação regional. Tem ainda como meta criar pelo menos 40 novos núcleos na cidade. Os novos núcleos podem ser do tipo setorial ou multissetorial. A participação dos empresários nos núcleos garante o constante desenvolvimento dos mesmos e a sustentação do BQT.

c) Condomínio ou Incubadora Empresarial

Para poder iniciar suas atividades muitas empresas necessitam de lugar para operarem, de contratar serviços

contábeis, de alugar telefone, de ter recursos para gastar com energia e água. Tais despesas que são de custos fixos, materializam muitas vezes, o negócio nos seus primeiros meses de vida. O projeto BQT traz em sua programação a instalação em cada região de um condomínio ou incubadora empresarial, que é basicamente um espaço físico dividido em vários módulos, destinados à instalação de pequenas empresas que terão à sua disposição, serviços, materiais e instalações de apoio às suas atividades, com custos acessíveis, rateados entre as empresas ou subsidiado pela instituição mantenedora do Condomínio.

Com isso, cria condições aos empresários de desenvolvimento e consolidação de seus negócios através de um sistema compartilhado de serviços e instalação, fazendo com que os recursos, antes destinados ao pagamento de custos fixos da empresa, sejam canalizados para a área produtiva. Cada empresa pode permanecer apenas dois anos usufruindo do condomínio ou incubadora, dando ao final desse prazo, lugar a uma nova empresa. A execução desse programa não aconteceu e conforme informações obtidas numa das entrevistas, não há condições de a Prefeitura assumir tal responsabilidade. Segundo Márcio Oliveira, um dos coordenadores do projeto BQT, os empresários não estão preparados para essa modalidade de programa. Dos programas do projeto BQT, também faz parte,

uma agência de crédito a fim de garantir o mesmo.

d) Banco de Crédito

Com a execução da fase 3 do BQT, a idéia inicial como parte do Projeto foi de criar uma instituição de crédito popular que viesse atender a demanda de empreendedores qualificados e participantes do projeto. Segundo informações obtidas dos coordenadores do BQT, em nenhum momento foi garantido financiamento a médio ou a longo prazo aos microempresários, porém, havia uma expectativa por parte dos mesmos em conseguir recursos para investimentos em máquinas e equipamentos e mesmo como capital de giro para que suas empresas pudessem mais rapidamente obter resultados positivos.

Com um investimento ainda pequeno mas, significativo para iniciar o referido Banco de Crédito, a Prefeitura de Lages participa com recursos, o SEBRAE/NA também investe, algumas empresas de maior porte em Lages colaboram com recursos a fundo perdidos e o próprio BNDS injeta recursos. Pode-se dizer que foi um primeiro passo para iniciar as primeiras operações financeiras.

Em se tratando de uma instituição sem visar lucros, segundo a filosofia do BQT, com juros acessíveis, ficou difícil tomar emprestado algum recurso, mesmo sendo pouco, sem uma garantia. Está aí o grande entrave no processo de

promoção e sucesso das pequenas empresas, já que esses empresários que estão iniciando o seu negócio, não dispõem de bens que possam garantir qualquer valor para empréstimo.

Neste momento o Banco de Crédito popular "Banco da Mulher" se desvincula do Projeto BQT e continua atuando com empréstimos à pequena empresa nas modalidades de outras instituições bancárias, porém com juros mais acessíveis dependendo dos valores e prazos de pagamentos.

CAPÍTULO II

PROJETO BAIROS QUE TRABALHAM NA REGIÃO “I”

"Sebastião prefere omitir seu sobrenome. Sua trajetória ocupacional contém traços altos e baixos. Nasceu e criou-se no interior de Lages, trabalhando na agricultura. Possui hoje 55 anos de idade, mas reconhece ter uma experiência de 100 pelos sacrifícios enfrentados".

PROJETO BAIROS QUE TRABALHAM NA REGIÃO "I"

A pesquisa desenvolve-se junto aos bairros Penha e São Miguel, denominados pelo projeto BQT como região "I".

O bairro da Penha situa-se ao lado direito da avenida Victor Alves Meireles que dá acesso à rodovia SC-438 e o bairro São Miguel, ao lado esquerdo da mesma. A população da região "I" é formada por famílias oriundas dos municípios de Paineira, São Joaquim, Bom Jardim da Serra e Urupema, municípios que dão acesso a Lages pela SC-438. Outras

localidades do interior do município de Lages, fazem parte dessa população.

A região "I" caracteriza-se por ser um dos bairros que cresce rapidamente entre os anos de 1984 a 1989, período em que a rodovia é asfaltada, estacionando-se a partir da década de 1990. Com uma população¹³ de 7.780 pessoas e um total de 1.961 domicílios, apresenta um perfil econômico/ramo de atividade em 1997, de 48 empresas ligadas ao setor do comércio, 13 empresas ligadas ao setor da indústria e 37 empresas ligadas ao setor de serviços.

Junto aos bairros Penha e São Miguel desenvolvem-se dois loteamentos, Nadir e Itapuã, pertencentes a famílias de assalariados que conseguem adquirir o lote em prestações e construir pequenas casas de madeira.

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO BQT NA REGIÃO "I"

Para elaborar o Plano para o desenvolvimento da região "I" projeto BQT, os técnicos do projeto realizam visitas e procuram envolver os micros e pequenos empresários, moradores e lideranças comunitárias através de convites dirigidos pessoalmente pela equipe de coordenação do projeto. A realização de seminário durante três noites, para estudo e

¹³ Fonte: Secretaria de Desenvolvimento e Integração Regional de Lages/1997.

diagnóstico das particularidades (levantamento dos pontos fortes e pontos fracos) da região "I" da cidade de Lages, mapeada pelo projeto, deflagra o processo.

Após um intervalo de duas semanas, é realizado na região "I", o seminário de identificação de ações setoriais, determinando os passos a serem seguidos no setor de atividades econômicas, estratégicas e setor de infraestrutura de suporte. No campo das atividades econômicas são priorizadas as ações de destaque, possibilitando a elaboração de projetos para implementação do Plano. O seminário é realizado no período de 05 a 07 de agosto de 1997, contando com a presença de autoridades municipais, parceiros do projeto, lideranças comunitárias, empresários e moradores locais.

IDENTIFICANDO ELEMENTOS QUE COMPÕEM A REGIÃO "I"

Ao longo do Seminário é utilizado um instrumento criado pelo SEBRAE para diagnosticar aspectos existentes na região. Como elementos externos, são localizados: a concorrência externa, os produtos importados, a tecnologia, os planos econômicos, as políticas econômicas, o MERCOSUL, o desemprego e os governos federal e estadual considerados desfavoráveis para o crescimento e desenvolvimento da região. Como elementos do ambiente interno, são identificados: a Rede

Ferrovária, a Cervejaria Brahma, o mercado local, o cemitério, a força de trabalho não qualificada e a participação comunitária que exercem influências ao elaborar as ações estratégicas para o desenvolvimento.

De acordo com o diagnóstico realizado, a região "I" possui uma infra-estrutura composta de: um sistema viário de transportes coletivos, ruas calçadas, avenida comercial (entrada e saída para a região sul). O setor de comunicações conta com telefones comerciais, residenciais e públicos, correio e sinais de rádio e TV. Quanto à energia elétrica, ela existe em praticamente todas as residências e nas vias públicas. Há uma rede razoável de água de boa qualidade e coleta regular do lixo. Além disso, num bairro há rede de esgoto e, no outro encontra-se em projeto. Na área da saúde, existem postos de saúde que contam com médico, dentista, farmácia com distribuição de alguns medicamentos, exames laboratoriais e um trabalho da Pastoral da Criança, desenvolvida pela Igreja Católica. A segurança é feita pela polícia militar com ronda permanente à noite nas escolas. O lazer acontece em canchas de esportes, ginásio de esportes, campo de futebol e programa para a terceira idade com a associação de moradores. A comunidade é assistida por duas escolas básicas municipais, três creches municipais, um

colégio estadual com ensino fundamental e médio e um centro regional de educação para menores infratores.

As atividades produtivas econômicas locais da região "I" são: artesanato em vime, artesanato em geral, olaria, malharia, produção e beneficiamento de batatas, padaria, ervateira, fábrica de lajotas, de móveis, de esquadrias metálicas, serraria, confecções e, ainda, um composto de várias empresas comerciais e prestadoras de serviços.

Entre as atividades produtivas no setor primário destacam-se as derivadas do vime, produção de hortaliças e legumes, produção artesanal (bordado, crochê, tricô e costura), produção de doces e utilização de terrenos baldios para pequenas plantações, reciclagem do lixo, indústrias de conservas, indústria de derivados da madeira, artefatos de cimento, facção de confecções e fábrica de telas.

De acordo com o Relatório do Projeto/1999, e fazendo um balanço das doze regiões estudadas pelo projeto BQT, as atividades descritas a seguir são selecionadas como estratégicas para o desenvolvimento da cidade de Lages, incluindo a região "I". São elas: agroindústria, indústria, artesanato, comércio, serviços e turismo.

A partir de um conhecimento geral sobre a região "I", o projeto BQT realiza seminários setoriais, analisando e priorizando em cada setor econômico, ações que direcionam a

linha de trabalho para o projeto "Bairros Que Trabalham" na região dos bairros São Miguel e Penha. Na agroindústria, existe feiras para os produtores do bairro comercializarem seus produtos (hortaliças, frutas e verduras); no artesanato, cria uma associação dos artesãos; na indústria, realiza promoções para divulgar os produtos da região; na prestação de serviços, monta escritório de contabilidade com advogado para a região e no turismo, promove feira no bairro para exposição do artesanato existente. Das ações apontadas, algumas prosseguem, outras, porém, ficam esquecidas.

Dando continuidade às ações do BQT, os técnicos responsáveis pela operacionalização das fases do projeto realizam a qualificação dos empresários e dos trabalhadores.

QUEM SÃO OS MEMBROS DO BQT DA REGIÃO I

De acordo com a relação de micro e pequenas empresas cadastradas no projeto "Bairros Que Trabalham", identificam-se 21 microempresas existentes, das quais, apenas duas não são localizadas pelo pesquisador.

Segundo alguns empresários entrevistados, a participação de sua microempresa no projeto "Bairros Que Trabalham" deve-se por muitos fatores: atendimento e orientação na área da gestão empresarial feita pelos consultores do projeto, pela

qualidade dos cursos de qualificação profissional oferecidos e pela facilidade das relações entre a empresa e a Prefeitura, relações essas intermediadas pelos consultores que acompanham o trabalho nos bairros. Este último aspecto é muito enfatizado pelos microempresários, que dizem que se beneficiam do relacionamento privilegiado para resolver outros problemas.

MICROEMPRESÁRIOS QUANTO À PROCEDÊNCIA E ESCOLARIZAÇÃO

O quadro a seguir evidencia a composição do microempresário quanto à escolarização que, em geral é baixa e oscila entre primário incompleto e completo.

Quadro 5. Perfil sócio-demográfico dos microempresários da região "I" - BQT

NOME	IDADE	ESCOLARIDADE	MUNICÍPIO PROCEDÊNCIA	OCUPAÇÃO	BQT/EMPRESA
Carlos de Souza	37 anos	1º grau incompleto	Lages	Borracheiro	Conserto de Pneus
Olavo de Liz	35 anos	1º grau incompleto	Interior de Paineil	Artesão	Artesanato em Vime
Luíza Ap. da Silva	31 anos	1º grau incompleto	Interior de Bocaina do Sul	Cabeleireira	Salão de Beleza
Luciana Capistrano	29 anos	2º grau completo	Bom Retiro	Artesã	Artesanato em Vime
Adriana Abreu Inácio	23 anos	1º grau completo	Lages	Cabeleireira	Salão de Beleza
José Volnir Schenrmann	35 anos	Primário incompleto	Interior de Anita Garibaldi	Marceneiro	Indústria de Móveis
Eracides Tadeu de Melo	35 anos	Primário incompleto	Interior de Paineil	Comerciante	Mercearia
Denize Ap. Mello Neves	25 anos	1º grau completo	Lages	Comerciante	Comércio de Armarinhos
Zeni de Fat. Alencar Postai	45 anos	Primário incompleto	Lages	Industrial	Confecção de Roupas
Dorival Vargas	45 anos	Primário completo	Interior de Lages	Serv. de refrigeração	Conserto de Refrigeração
João de Lima	49 anos	1º grau completo	Interior de Urupema	Comerciante	Padaria e Confeitaria
Delize Longo Neves	49 anos	2º grau completo	Lages	Comerciante	Padaria
Antonio Bussoloto	50 anos	Primário completo	Interior de Ibiraiaras – RS	Comerciante	Comércio de Batatas
Antonia de Souza	52 anos	1º grau incompleto	Tubarão	Industrial	Indústria de Doces e Pirulitos
Ademiro A. Koneski	50 anos	2º grau incompleto	Canelinha	Serigrafia e comércio	Gráfica e Comércio de Mat. Escolar
Adão da Silva	49 anos	Primário completo	Vacaria – RS	Serviços de bicicletas	Oficina de Bicicletas
Jorge L. Cordova	49 anos	2º grau completo	Interior de Bom Retiro	Artesão	Artesanato em Vime
Sebastião N. Oliveira	55 anos	Primário incompleto	Interior de Lages	Serviços de chapeação	Oficina de Chapeação
Antonio da Silva Rosa	43 anos	1º grau completo	Interior de São Joaquim	Comerciante	Mercearia

A população rural até a década de 50 na região de Lages, constituía-se de um contingente de trabalhadores subdivididos em duas categorias segundo Andrade (1996),

"os caboclos-peões, moradores e empregados nas fazendas de criação de gado; e os caboclos-roceiros, pequenos produtores autônomos que praticavam uma agricultura de subsistência. Essa população rural, da qual se fala, é formada a partir da mistura de raças entre portugueses e paulistas, índios, escravos e emigrantes do Rio Grande do Sul que vem constituir mais tarde, a periferia de Lages" (Andrade 1996: 10).

Na região do interior de Lages, a educação escolar esteve ausente durante séculos. Segundo Munarim (2000),

"somente na década de 40, no governo estadual de Nereu Ramos e do primeiro governo de Getúlio, sob a Reforma Francisco Campos, é que nessa região as classes populares passaram a ter alguma atenção especial com vistas à formação do trabalhador" (Munarim, 2000: 101).

Essa herança da baixa escolaridade da massa populacional de Lages, é um elemento muito presente em nossos dias, resultado de uma cultura própria de não valorização do conhecimento letrado.

SITUAÇÃO ATUAL DAS EMPRESAS

As dezenove microempresas da região "I" do BQT pesquisadas trazem um perfil que reflete as reais dificuldades que esses microempresários enfrentam no dia-a-dia, para manter sua empresa funcionando.

Na tabela 2 observam-se dados da situação em que se encontram as microempresas da região "I", nos setores da indústria, comércio e serviços.

Tabela 2. Situação atual das empresas (1997 - 2000)

	INDÚSTRIA		COMÉRCIO		SERVIÇOS	
Empresas abertas no período de 97/2000	03	15,80	07	36,84	09	47,36
Empresas ativas com sucesso	0	0	04	21,05	02	10,52
Empresas ativas com dificuldades	03	15,80	02	10,52	05	26,31
Empresas que fecharam neste período	0	0	01	5,26	0	0
Empresas desligadas do projeto BQT	0	0	0	0	02	10,52
TOTAL DE EMPRESAS	03	15,80	07	36,84	09	47,36

Do total de empresas pesquisadas por setores econômicos, pode-se observar que, 31,5 % são empresas que situam-se entre as "ativas com sucesso", cujo maior número está no setor de comércio. Elas são empresas ativas o que não quer dizer que não enfrentem dificuldades, sendo que algumas delas até põem em risco a própria sobrevivência. Perguntados sobre as origens destes riscos 52,63 % dos microempresários afirmam

que as dificuldades decorrem da instabilidade político-econômica do país.

O setor da indústria é reduzido na região. O setor de comércio assegura o sucesso dos microempresários iniciadores de negócio junto ao projeto "Bairros Que Trabalham". Entre esses empreendimentos incluem-se algumas mercearias, depósito de batatas e de gêneros alimentícios. Identifica-se um negócio na área do comércio que fechou por falta de investimentos financeiros.

As dificuldades de ordem financeira reveladas pelos microempresários atualmente, prendem-se ao fato de não mais contar com a isenção de tributos determinada pela legislação do projeto. As alternativas de soluções parecem não estar presentes, se é que existem. Sobreviver com um pequeno negócio no bairro, competindo com as redes de grandes empresas torna-se excessivamente difícil, principalmente, na realidade vivenciada da região "I". Pressupõe-se, pois, como tendência, a não sobrevivência de alguns desses negócios.

No setor de serviços está a maior força do projeto BQT na região "I". As empresas centradas no trabalho individual exigem uma qualificação profissional. No setor de serviços os microempresários permanecem ou recriam formas, às vezes, arcaicas, de organização do trabalho, como o trabalho a domicílio e o artesanato de pequenas empresas. Essa forma de

organização do trabalho, cujas raízes se encontram em período histórico remoto, no qual o espaço e o tempo da vida familiar e do trabalho encontram-se imbricados, ressurge nos dias de hoje, na construção de uma "atividade produtiva", compreendendo não só a divisão social, mas também, a divisão sexual do trabalho.

O trabalho a domicílio possibilita, ao mesmo tempo, a geração de renda familiar e a manutenção dos papéis assumidos tradicionalmente pelas mulheres no âmbito doméstico, principalmente, nos trabalhos menos qualificados. A força de trabalho representada pelo setor de serviços nos bairros pesquisados, deixa claro algumas formas de trabalho polivalente, exigindo novos requisitos de formação, treinamentos técnicos formalizados e maior escolaridade. Observa-se que alguns empresários, na área do artesanato, por exemplo, têm dificuldades de agregar valor real à sua produção. Quando vendem o produto, não conseguem adquirir a matéria-prima suficiente para produzir a mesma quantidade. Uma outra questão percebida de um modo geral, é a falta de qualidade na prestação de alguns dos serviços.

Observando a tabela abaixo, onde consta a idade dos empresários pesquisados, tem-se uma distribuição equilibrada da faixa etária entre 25 a 45 anos considerada a faixa economicamente produtiva.

Um dado que chama atenção, no entanto, no grupo de microempresários da região pesquisada, é a idade. Na faixa etária de 46 a 55 anos há um número maior de microempresários, chegando-se a um percentual de 42,1% do total pesquisado, dado este curioso que é detalhado um pouco mais na tabela abaixo.

Tabela 3. Distribuição percentual da Idade dos microempresários da região "I"

IDADE	NA	%
De 46 a 55 anos	08	42,10
De 26 a 35 anos	04	21,05
De 36 a 45 anos	04	21,05
Até 25 anos	02	10,50
Acima de 55 anos	01	5,30
TOTAL	19	100,0

A realidade demonstrada pela tabela acima permite deduzir que os microempresários com idade entre 46 a 55 anos e que perderam seu emprego e não obtiveram outro, optam por trabalhar por conta própria. O modelo capitalista vigente impõe um limite de idade impedindo o sujeito de integrar-se no mercado de trabalho. Além do fator idade, a falta de escolarização e de qualificação os colocam à margem do processo produtivo. Com a história de vida profissional de oito dos microempresários, tem-se um panorama da situação dos

mesmos, que participam do projeto "Bairros Que Trabalham" da região "I". As histórias de vida enriquecem consideravelmente esta pesquisa, tornando-se o ponto de partida para a análise posterior do projeto.

IDENTIFICANDO OS MICROEMPRESÁRIOS DA FAIXA ETÁRIA DE 46 A 55 ANOS

Quadro 6. Microempresários da região "I" com idade de 46 a 55 anos

NOME	IDADE	ESCOLARIDADE	OCUPAÇÕES	BBQT
1. João de Lima	49 anos	1º grau completo	Agricultor Pecuarista Empresário	Comércio (padaria e confeitaria)
2. Delize Longo Neves	49 anos	2º grau (magistério)	Professora Empresária	Comércio (padaria confeitaria)
3. Antônio Bussolotto	50 anos	1ª a 4ª série completo	Agricultor Empresário	Comércio de batatas
4. Antônia de Souza	52 anos	1º grau incompleto	Vendedora Empresária	Indústria de doces.
5. Ademiro A. Koneski	50 anos	2º grau incompleto	Oleiro Vendedor Empresário	Impressos gráficos (comércio)
6. Adão da Silva	49 anos	Primário incompleto	Serrador Pintor Empresário	Conserto de bicicletas (serviços)
7. Jorge L. Cordova	49 anos	2º grau completo	Agricultor Empresário	Artesão em vime
8. Sebastião N. Oliveira	55 anos	Primário incompleto	Agricultor Marceneiro Radialista Empresário	Chapeação de carros (serviços)

Detalhando um pouco o percurso ocupacional dos microempresários, apenas um deles encontra-se aposentado pelo INSS e hoje, continua na ativa, com uma ocupação diferente do

que fazia antes. O novo trabalho serve-lhe como complementação da renda familiar.

HISTÓRIAS DE VIDA E DE TRABALHO

Durante algumas entrevistas com os microempresários da região "I", sobretudo, aqueles que se encontram na faixa de idade entre 46 a 55 anos, observamos que eles apresentam uma história de vida e de trabalho singulares. Ao mesmo tempo, pode-se dizer que elas expressam o percurso de muitas pessoas que "alimentam o sonho dourado" de tornarem-se produtores independentes. Entretanto, em suas trajetórias revelam as dificuldades de concretização deste sonho na medida em que se aproximam mais da condição de trabalhadores do que propriamente da de capitalistas. Os entrevistados expressam um percurso de muito trabalho, de constantes sacrifícios, revelam, portanto, ambivalência, de serem, ao mesmo tempo, trabalhadores e microempresários, pode-se dizer, cabeça de capitalistas e pés de assalariados.

As informações a seguir apresentam a história de vida e de trabalho dos microempresários selecionados, retratando a realidade vivenciada por eles no decorrer de suas vidas.

O CONSELHEIRO SONHADOR

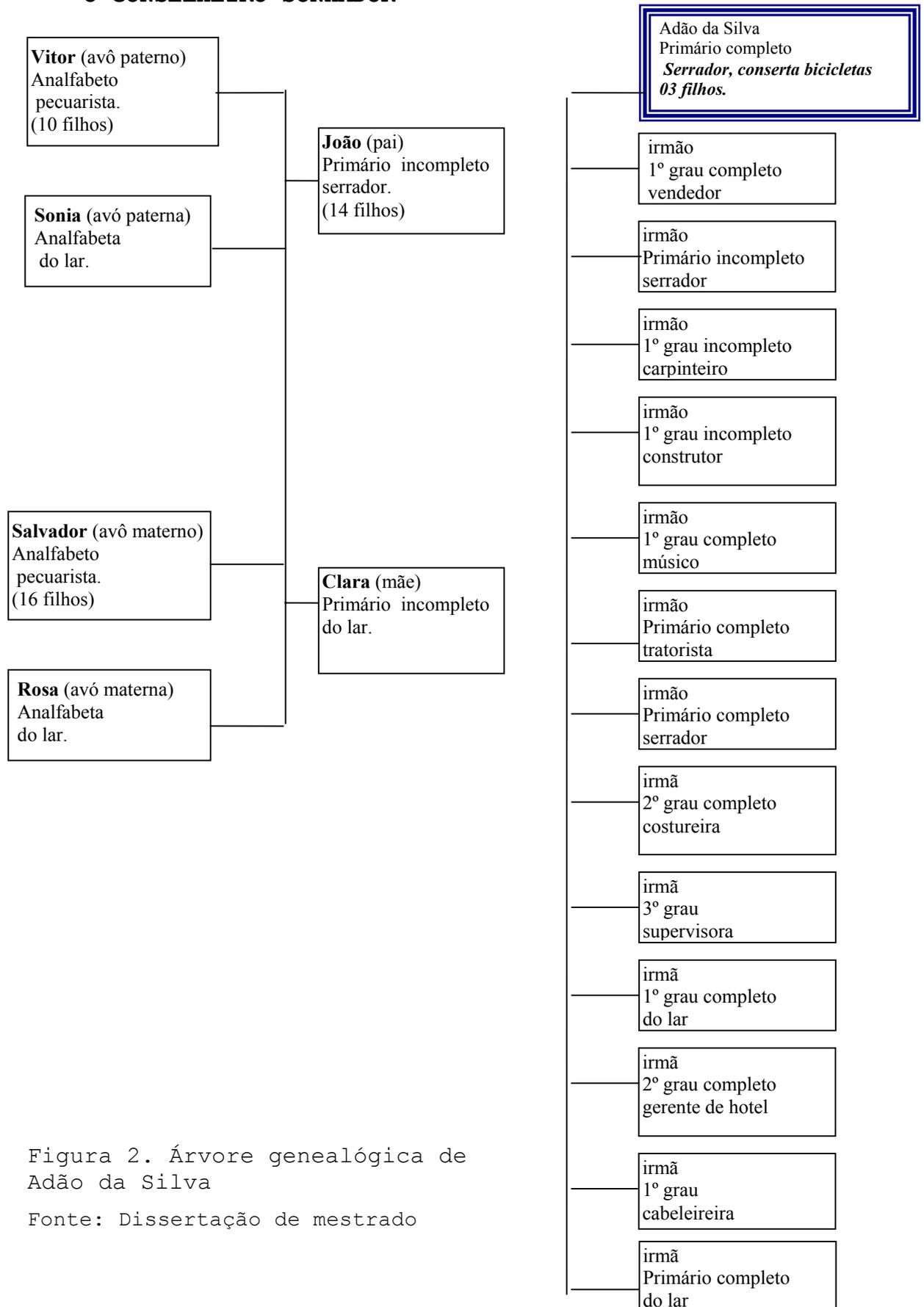


Figura 2. Árvore genealógica de Adão da Silva

Fonte: Dissertação de mestrado

Adão da Silva, 49 anos de idade, primário completo, natural do Rio Grande do Sul, onde viveu mais de trinta anos de sua existência. Em seu depoimento disse: "Venho de uma família de 14 filhos. Meus avós maternos e paternos eram pecuaristas e viveram suas vidas no interior, criando gado e trabalhando na agricultura. Já, meu pai semi-analfabeto trabalhou a sua vida útil como serrador de madeira em serrarias, enquanto minha mãe dedicava-se ao serviço do lar e a criação e educação dos filhos". Adão tem sete irmãos e seis irmãs. Dois seguiram a ocupação do pai. Um deles é o próprio Adão, que trabalha o maior tempo de sua vida ocupacional como serrador e, depois, como carpinteiro e pintor de paredes, profissão na qual aposenta-se por problemas de saúde. Os demais irmãos de Adão seguem ocupações mais diversas como vendedor, carpinteiro, construtor, músico e tratorista. Hoje, Adão tem uma oficina de conserto de bicicletas cuja renda complementa o salário da aposentadoria, que considera uma miséria, pois é de apenas um salário mínimo.

A oficina de conserto de bicicletas, surge estimulada pelo BQT, já que na comunidade e adjacências inexistia atendimento nessa área. A orientação recebida do BQT permite a Adão pesquisar o mercado e comprar racionalmente, evitando estoques desnecessários. No trabalho de acompanhamento feito pelo BQT, Adão aprende ainda, a vender as peças agregando

valor ao seu trabalho. A caminhada é difícil, porque Adão sente-se, às vezes, cansado e, com o término do projeto BQT não imagina como será o desfecho de seu empreendimento. Segundo Adão, o término do BQT é uma enorme perda para todos os microempresários.

A família de Adão é composta de três filhos. Um está casado e dois moram com ele. Além de sua atividade profissional, faz parte de um trabalho voluntário na Igreja Assembléia de Deus. Como Conselheiro de Casais ele diz sentir-se gratificado quando consegue aproximar um casal que está separado ou em vias de separação. É desta forma que Adão leva a sua vida e persegue seu grande sonho "*ser dono de uma fazenda de gados*" em Uruguaiana, fronteira do Rio Grande do Sul de onde vieram seus avós.

ADEMIRO - DE OLEIRO A EMPRESÁRIO BEM SUCEDIDO

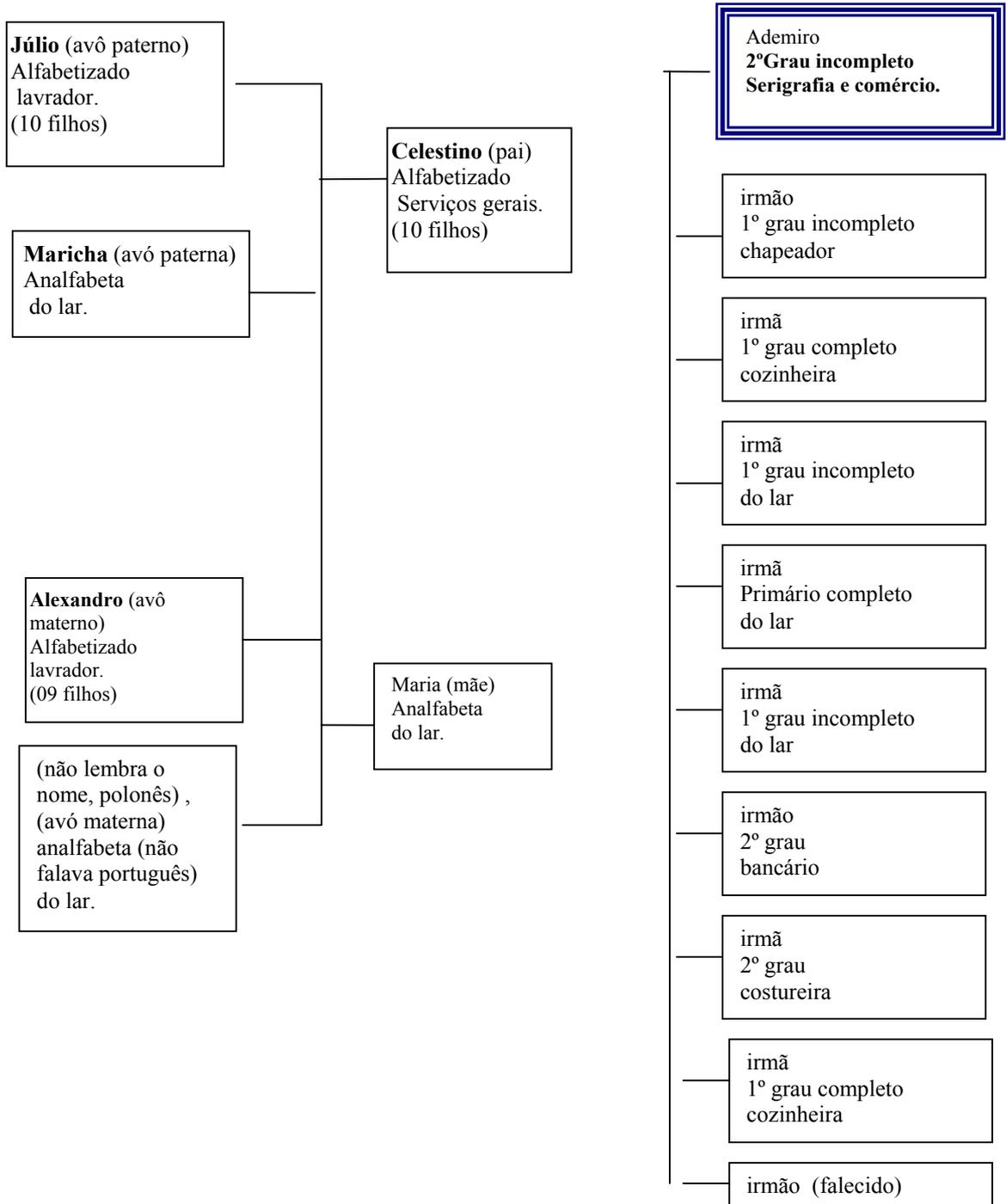


Figura 3. Árvore genealógica de Ademiro
 Fonte: Dissertação de mestrado

O sonho que Ademiro Koneski alimenta por toda a sua vida era ser empresário bem sucedido. De seus avós paternos, que sequer aprenderam a falar em português, herda a garra de lutar, de trabalhar e de ter coragem. Com os pais já falecidos, somente um irmão permanece em Canelinha sua terra natal e, os demais, moram em outros municípios e fora do Estado de Santa Catarina. Ademiro tem 50 anos de idade e uma história de vida permeada de muito sofrimento, porque seu pai era um alcoólatra. Muito cedo, começa a trabalhar em uma cerâmica de telhas. Aos 15 anos sai de casa para trabalhar num depósito de telhas em Lages. Carrega e descarrega caminhões. Insatisfeito, porém, com o que faz e, sem opção de um novo trabalho, vai trabalhar com vendas em diversas áreas, inclusive no setor de autopeças, onde permanece um bom tempo. Depois que está trabalhando volta a estudar, conclui o 1º grau e inicia o 2º grau. Trabalha numa madeireira. Nesse tempo, começa a fazer alguns cursos na área de qualificação profissional e, de acordo com sua entrevista, cresce e aprende muito nos cursos que faz. Hoje, sempre que pode participa de palestras e procura inovar o seu trabalho. Há cinco anos inicia a montagem de uma gráfica e vai em busca de orientação para fazê-la crescer. Encontra no projeto BQT uma das fórmulas para a sobrevivência da gráfica, apesar de reconhecer que enfrenta inúmeras dificuldades. Seu empreendimento amplia-se e passa a atender municípios

vizinhos de Lages. Além do serviço de artes gráficas ele tem também, um pequeno comércio de material escolar. Segundo Ademiro, o BQT nasce frágil, pois falta-lhe o interesse de alguns órgãos principalmente, do poder constituído para mantê-lo. Parece que o compromisso político é fundamental, quando se quer atingir os objetivos.

Ademiro é originário de uma família de 10 irmãos, cujo pai por um longo tempo trabalha como servente na cerâmica, nenhum filho, porém, segue sua ocupação. Ademiro alimenta o sonho de um dia ser um grande empresário e vencer pelo trabalho. Passo a passo, alimenta tal idéia, sem levar em conta as implicações no processo de trabalho e suas relações. Segundo Ademiro, "um empreendimento como o BQT, jamais poderá morrer e sim ser fortalecido, procurando acertar o que tem de errado".

DE NETO DE AGRICULTOR A CAPITALISTA DE DESTAQUE

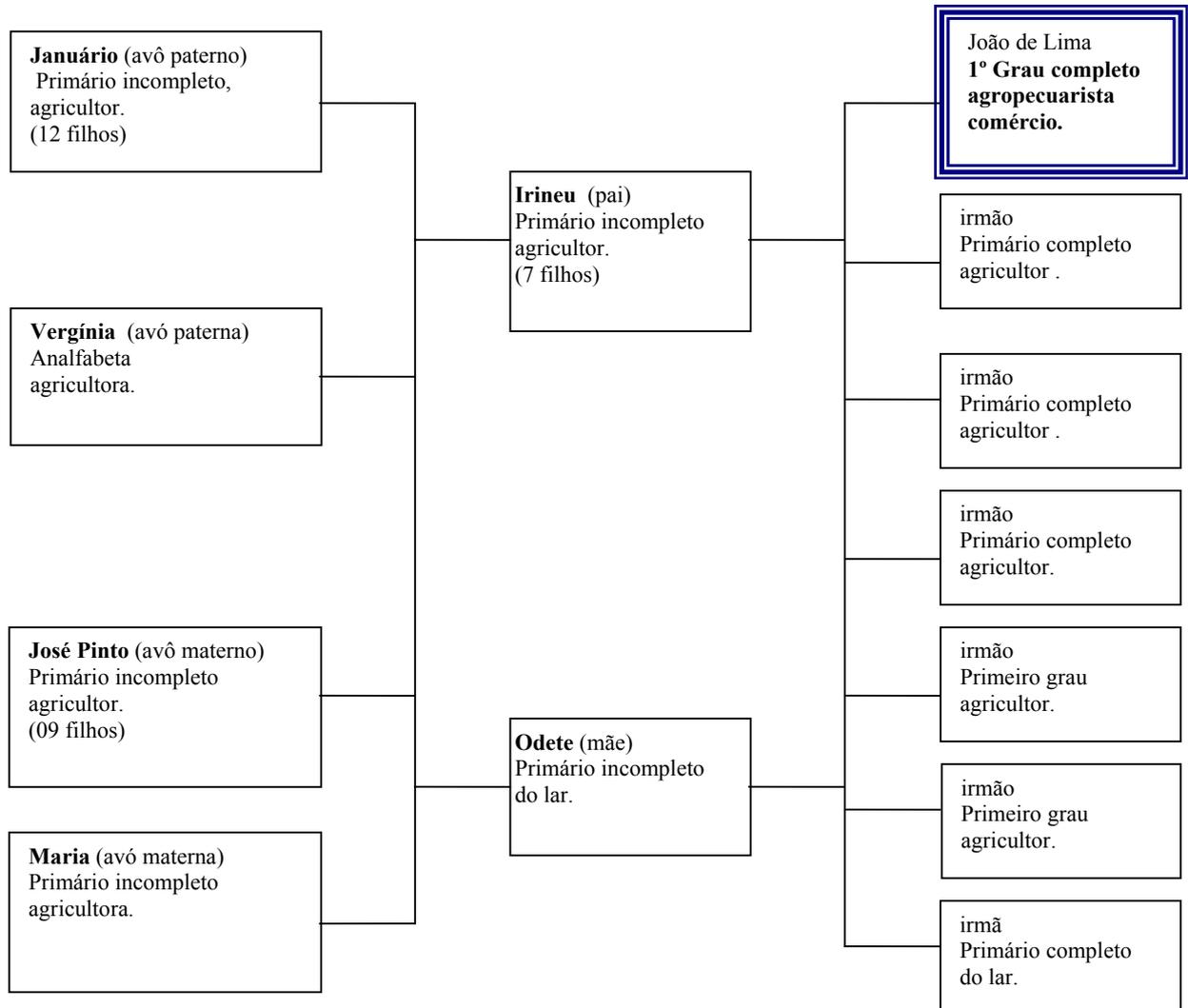


Figura 4. Árvore genealógica de João Carlos.

Fonte: Dissertação de mestrado.

João Carlos Lima, 46 anos de idade e primeiro grau completo. Filho mais velho de uma família de sete irmãos. Como seus pais e avós lavradores, vive no interior do município de Urupema até os 23 anos de idade, plantando e cuidando do gado. Na tentativa de ganhar a vida na cidade e

alimentando o sonho de ser um grande empresário, João sai de casa deixando os irmãos mais novos trabalhando na propriedade da família, cujas terras e renda são insuficientes para a sobrevivência de todos. Inicia então em Lages, um trabalho de compra e venda de gado (compra vaca e boi) e os revende. O que ganha com a venda é pouco, mas garante-lhe a sobrevivência quando tudo corre bem; caso um dos animais venha a morrer, o prejuízo é fatal. Além disso, as despesas elevadas com transporte dos animais vão tornando inviáveis o empreendimento.

Com o surgimento do projeto "Bairros Que Trabalham", inicia um outro tipo de comércio, de confecção de pães. Com o apoio recebido do projeto através de consultoria, aprende a administrar com segurança o empreendimento. Amplia sua atividade empresarial confeccionando bolos, doces e salgados, que juntamente com outros produtos são vendidos na padaria. João inicialmente padeiro, hoje, dispõe de profissionais especializados, ficando com ele apenas a entrega do produto em locais diversos da cidade. Assume a parte administrativa da padaria juntamente com sua mulher, orientado pela consultoria do BQT. João faz cursos na área da gestão empresarial e com a colaboração da mulher, mantém a padaria de uma forma ativa e com sucesso. Quanto às dificuldades, João reconhece que elas são comuns às pequenas empresas,

porém, podem ser vencidas com trabalho e dedicação. João acredita vencer e no futuro voltar para o interior em outras condições, bem mais favoráveis.

O POETA E O SONHO DE SER UM CAPITALISTA

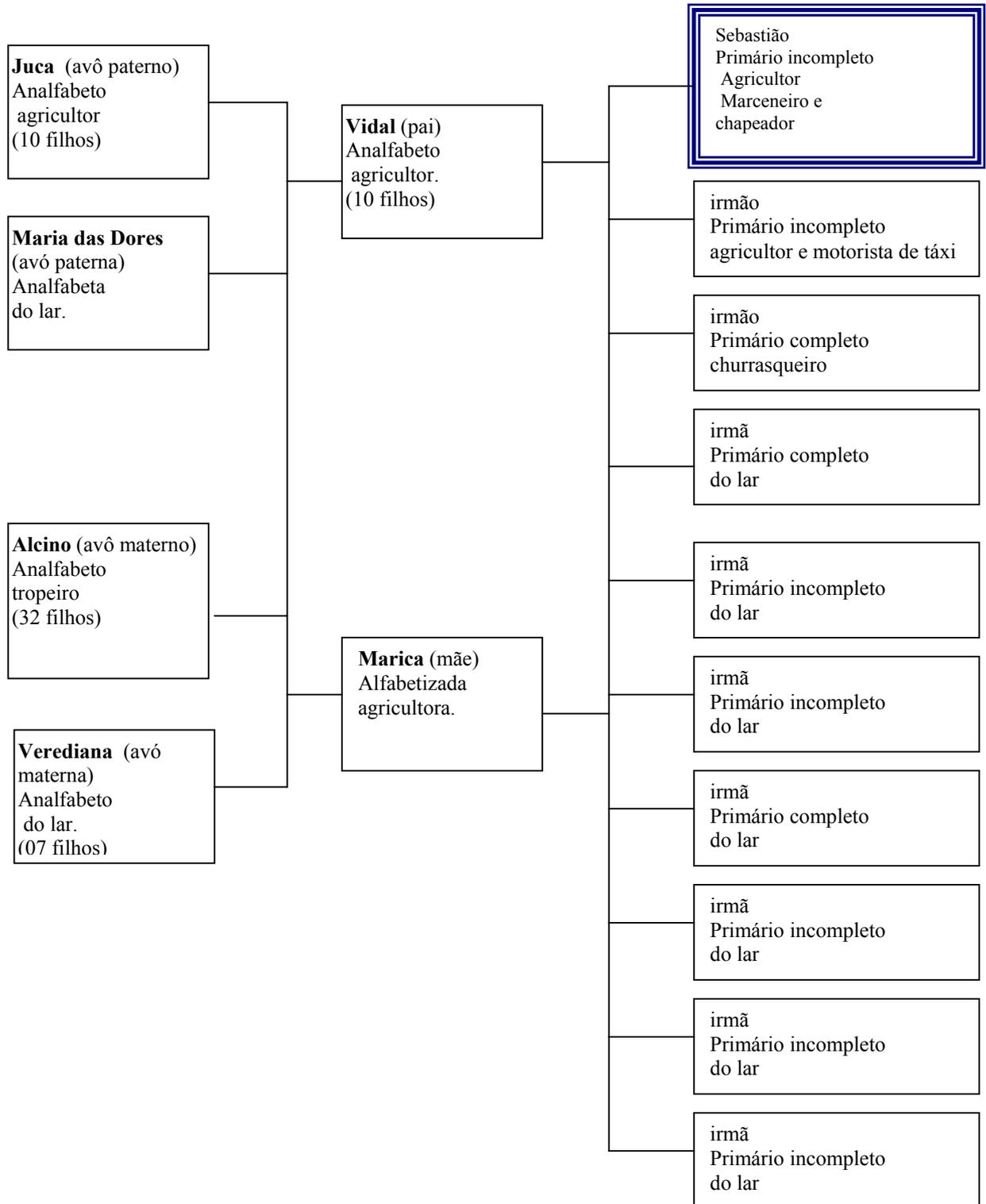


Figura 5. Árvore genealógica de Sebastião

Fonte: Dissertação de mestrado.

Sebastião prefere omitir seu sobrenome. Sua trajetória ocupacional contém traços altos e baixos. Afirma ter uma história de família muito interessante que gostaria de registrar. Seu avô paterno, analfabeto, trabalhou como tropeiro (viajante de tropas de mula) que saía de Lages com cargueiros de charque e couro com destino à região litorânea e retornava com mandioca, sal e açúcar. Casado cinco vezes possui uma família de 32 filhos. Já o avô materno, além da agricultura, foi "compositor de cavalos" (preparava cavalos para correr em cancha reta) esporte comum aqui na região serrana e, hoje, uma ocupação em extinção. Sebastião tem 9 irmãos, sendo sete mulheres (profissão do lar) e dois homens. Um, exerce a profissão de churrasqueiro e, o outro, é motorista de táxi. Nenhum deles vive no interior e, muito menos, trabalha com a agricultura.

Sebastião nasce e cria-se no interior de Lages, onde trabalha na agricultura por um bom tempo. Possui hoje 55 anos de idade, mas reconhece ter uma experiência de 100, pelos sacrifícios enfrentados. Tem nove filhos, resultado de dois casamentos. Seu pai, agricultor e analfabeto, já falecido, dono de um talento raro, é autor de versos e trovas. Sebastião herda do pai o talento de ser repentista e, por muito tempo, participa de programas de rádio, ganha inclusive, prêmios pela sua destacada participação.

Ainda moço, Sebastião sai do interior, localidade de Pedras Brancas e vai trabalhar como marceneiro na cidade de Lages. Faz aberturas (portas e janelas de madeira). Nesse período, surge uma oportunidade de trabalho em Curitiba, ainda como marceneiro. Paralelo ao trabalho, inicia uma participação num programa de rádio, estilo sertanejo, no qual se apresenta como repentista, compositor e declamador de poemas. Com algum tempo de participação na rádio, começa a fazer um programa sozinho, como radialista sertanejo. Deixa de exercer a atividade de marceneiro, porém, não consegue sobreviver como radialista fora da sua terra.

Volta para Lages e trabalha novamente como marceneiro e combina a sua atividade com a de programador na Rádio Diário da Manhã, das 6 às 7 horas: O programa chama-se "Acorda Sertanejo" e permanece no ar por uns dois anos. Com a venda da rádio, o preço dos patrocínios fica alto e o seu programa se extingue. Para sobreviver, vai trabalhar como gerente numa fábrica de móveis, mas a fábrica enfrenta uma terrível crise nas vendas e Sebastião fica desempregado. Sai novamente de Lages para trabalhar, fica um tempo morando em Itajaí e trabalha na construção de casas na praia de Cabeçudas. Neste local, ele permanece por um determinado tempo e enquanto tem trabalho e estando só, aproveita para escrever poemas (que

até hoje não teve a oportunidade de divulgar e nem mesmo de mostrar às pessoas).

Depois, volta para Lages e sem perspectivas de trabalho, inicia atividade com o filho de um velho amigo numa oficina de chapeação e pintura de carros. Hoje, a oficina é sua e o que ganha dá para sobreviver. Os seus filhos estão criados, contando com alguns netos ao seu redor. Embora sua mulher também, trabalhe numa floricultura, Sebastião afirma que "*não tem dinheiro para nada*". Não se aposenta e não contribui com a previdência social desde a época em que deixou a gerência da fábrica de móveis, há mais ou menos uns 20 anos. Entretanto, diz ser feliz porque gosta da vida, gosta de dançar, de compor poemas, de música e de corrida de cavalos. Sebastião não tem ambições, gostaria contudo, de estar em melhores condições financeiras para poder realizar seus sonhos, principalmente, o de ser escritor e poeta.

Considera sua participação no BQT, como sendo a última cartada de sua vida, já que o mesmo oferece oportunidades, segundo Sebastião, de ser guiado e melhorar seu negócio. Com a pouca escolaridade, consegue, através do projeto e dos ensinamentos dos consultores, a controlar as finanças e manter os serviços. Para Sebastião, o projeto deve ser desburocratizado e ter o apoio do poder público de todas as esferas. Acredita ele que, iniciativa como essa, a de

oportunizar ao microempresário a qualificação e aprendizagem visando uma melhor administração de seus negócios não aparece todos os dias.

Como até hoje, Sebastião não teve oportunidade de divulgar seus poemas, ficaria muito feliz se alguém valorizasse sua criação. Com sua autorização vou apresentar dois de seus poemas escritos mais ou menos nas décadas de 1960 a 1970.

Meu Caboclo Amigo

Bom dia caboclo amigo
 Eu vim conversar contigo
 Passa uma hora ao teu lado
 Gosto muito da tua prosa.
 Histórias maravilhosas
 Que contas do teu passado
 Me faz muito bem a alma
 Por isso eu quero com calma
 Ouvir despreocupado.

Já que você quer ouvir
 Garre sente por aí
 Que eu vou contar pra você
 A história do Zé do mato
 Um caboclo bom de fato
 E foi se bota a perder
 Ofereceu seu amor
 Pra filha do lenhador
 Mesmo sem ela querer.

Não digo pra não amar
 Só não pode é se deixar
 Por esse amor ser vencido
 Mas o pobre do Zé do mato
 Lhe dava meia, sapato
 Lhe dava blusa e vestido
 Tudo de bom ele deu
 Só que nunca percebeu
 De não ser correspondido.

Nas cartas que ele mandava
 Com clareza ele contava
 Todo o amor que ele sentia
 A amargura que passava
 A dor que ele agüentava
 As horas que não lhe via
 Se não ganhar seu amor
 Juro por Nosso Senhor
 Que dou fim nesses meus dias.

E foi assim seu doutor
 Que o homem se apaixonou
 Mas foi honesto e sensato
 Vendo que tudo perdia
 Que a moça nunca cumpria
 Suas promessas e seus tratos
 Deu dois tiros de fuzil
 Um nele e um na mulher
 E foi o fim do Zé do mato.

Poema à Cabeçudas

Cabeçudas...rainha dos
 balneários,
 Teu romantismo é um cenário,
 Que encanta e entenece.
 Tens o dom de um campanário,
 De um humilde santuário,
 Cheiro de amor e de prece
 Do sol possui o calor
 Causticante e bronzeador
 Que a toda a praia enriquece.

Tu cabeçudas querida,
 Nos dá alento na vida,
 Nos dá alegria de viver.
 Nos dá o rubror da ermida,
 E das dores já sofridas,
 Também nos faz esquecer.
 Tua paisagem florida,
 Nos dá tão grande acolhida,
 Que envolve o nosso ser..

Tuas águas impetuosas,
 As ondas impiedosas,
 Que sobem banhando a areia.
 E nas manhãs cor de rosa,
 A humanidade garbosa,
 Tua praia saboreia.
 Ostentando venturosa,
 A tua imagem formosa,
 Que o oceano costeia.

O azul do céu e do mar,
 Tem o poder de pintar,
 Este quadro encantador.
 Colorindo o pôr do sol,
 Clareia a luz do farol,
 Que protege o pescador,
 E após o anoitecer,
 Vem a lua enriquecer,
 Nosso recanto de amor.

Nosso recanto de paz,
 Onde a gente se refaz,
 Da grande atribulação.
 Admirando a beleza,
 Da mais pura natureza,
 Da suprema criação.
 Na pequena trajetória,
 Praia coberta de glória
 Que o criador pôs a mão.

É igual a Virgem pura,
 Que representa ternura,
 De um carinho divinal,
 Meu pedacinho de chão,
 Toda a minha aspiração,
 No teu seio maternal.
 Que praia risonha e franca,
 Coberta de areia branca
 De beleza natural.

DE PROFESSORA A EMPRESÁRIA DE SUCESSO.

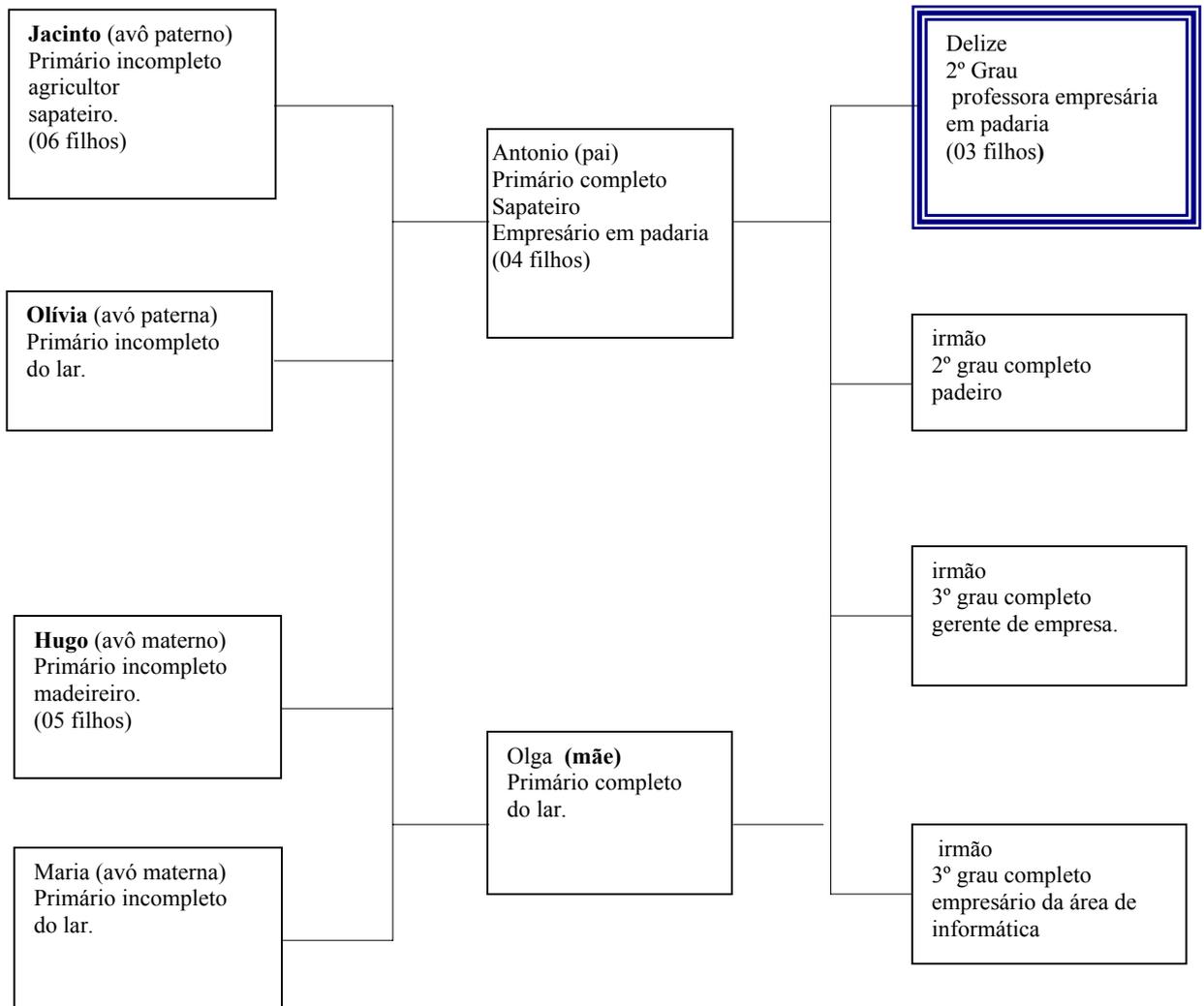


Figura 6. Árvore genealógica de Delize

Fonte: Dissertação de mestrado.

Delize T. L. Neves tem 49 anos e inicia sua vida profissional como professora de 1ª a 4ª séries. Segundo a entrevistada, como única filha de uma família de 3 irmãos e

um tanto mimada disse ela: “*Enfrentei em minha vida, um casamento que não durou. Exerci a profissão de professora do curso primário até me casar. Quando fui embora de Lages, com o nascimento de três filhos e com a proibição do marido de trabalhar fora de casa, acabei me anulando, perdendo tempo e o marido*”. Separada do marido, volta a Lages onde estavam seus pais. Seu pai sapateiro (profissão herdada do avô) e ainda, madeireiro e vendedor, com o objetivo de ocupar seus dois filhos homens impedí-los da ociosidade fora do horário escolar, compra uma padaria iniciando-se na profissão de padeiro. Seus irmãos não querem continuar na profissão de padeiro. Um, torna-se bancário e hoje, é gerente de uma empresa e, o outro, é empresário da área de informática. Dessa forma, coube a Delize tocar o empreendimento juntamente com seus pais. Com a morte do pai, assume o negócio, admite um profissional para produzir os pães ficando sob sua responsabilidade a confeitaria e a gerência da panificação. Nesse período, procura se qualificar. Faz um curso de panificação no SENAC e outro, na área da gestão empresarial, através do projeto “Bairros Que Trabalham”. Hoje, faz parte da AMPE - Associação das Micro e Pequenas Empresas.

Delize procura estar sempre atualizada, mas reconhece que nem todos pensam assim. Os empresários e os trabalhadores de Lages não participam de cursos e de palestras. Muito embora a

AMPE promova diversos cursos, às vezes, os mesmos são adiados por falta de público ou aquelas pessoas que iniciam na maioria das vezes faltam as aulas e desistem durante os cursos. O não gostar de fazer e de se atualizar Delize atribui à "cultura do povo" de Lages, característica principal das pessoas do bairro. Ela porém quer continuar atualizando-se e chegar a um lugar de destaque como empresária.

O seu ingresso no projeto, ocorre por necessidade da aquisição de conhecimentos para tocar seu empreendimento comercial que neste exato momento é questão de sobrevivência e também de auto-afirmação para ela. Ela tem as melhores referências sobre a proposta BQT. Sua avaliação sobre o projeto é que, tal proposta não deve morrer, mas tem muito claro que, experiências como essa deve ser concebida em bases mais sólidas.

O ARTESÃO QUE SONHA ALÇAR VÔO MUITO ALTO

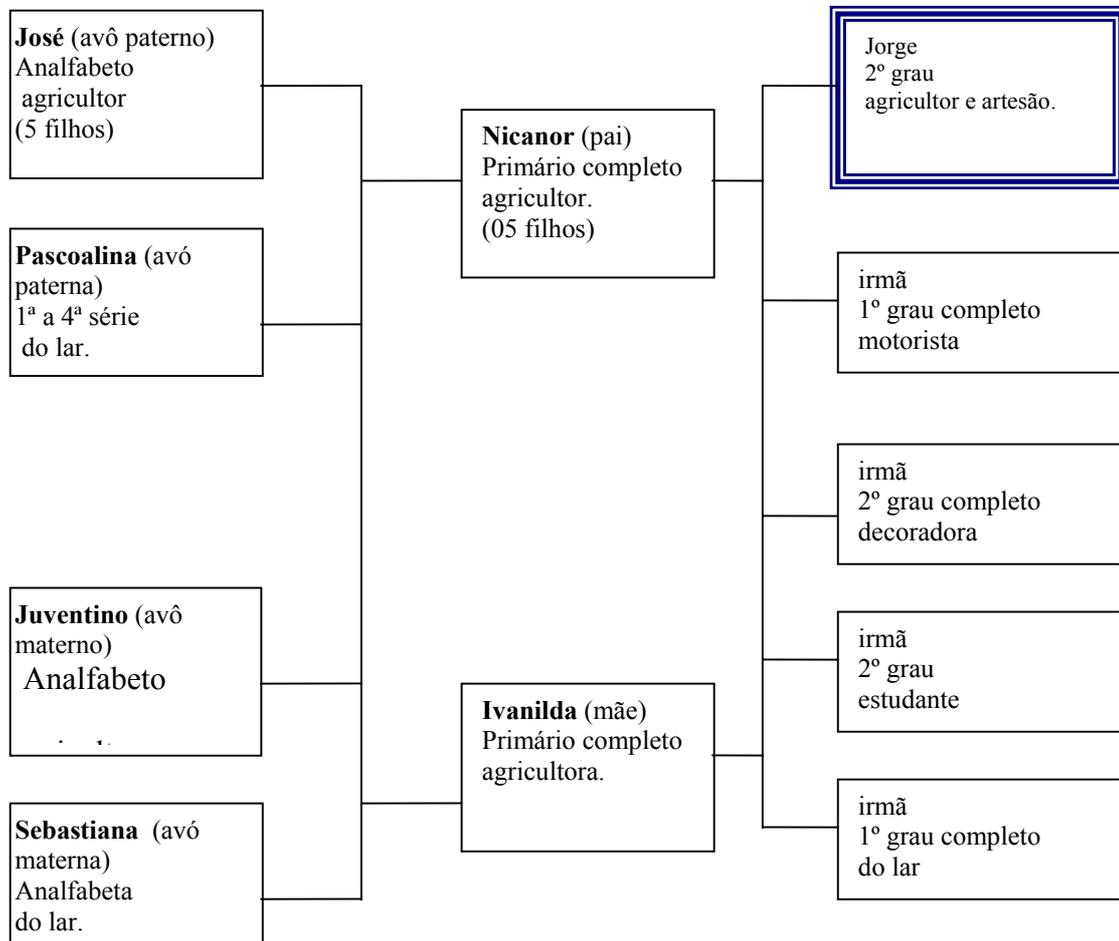


Figura 7. Árvore genealógica de Jorge
Fonte: Dissertação de mestrado.

Jorge L. Córdova tem 2º grau completo. Ele é neto de agricultores e filho de agricultor. Até moço, mora no interior de Bom Retiro, onde planta para a sobrevivência da família. Vem para a cidade de Lages à procura de uma opção de trabalho. Tendo dificuldade para encontrá-lo, resolve trabalhar como artesão em vime, ocupação que havia aprendido

com a família da mãe que planta vime e trabalha com artesanato. Trabalha por conta própria e procura aperfeiçoar cada vez mais, a qualidade das peças confeccionadas.

Parte para um curso de aperfeiçoamento do artesanato em vime pelo projeto "Bairros Que Trabalham". Jorge procura sempre usar muita criatividade e amor em todo o trabalho que realiza. Hoje, é presidente de uma cooperativa de artesãos recém-criada com a orientação de uma equipe de profissionais da UNIPLAC e do Centro de Educação André Luiz. Dos quatro irmãos que tem, nenhum permanece no interior com a profissão do pai. Através do trabalho de artesanato, Jorge sonha transformar-se num grande empresário sem, contudo, deixar suas raízes artesanais.

A sua inserção no processo de implantação do projeto acontece de forma lenta. Ele não participa de todas as reuniões, embora veja com bons olhos a proposta. No desencadear das ações, uma decepção: os recursos para financiamento contemplam apenas alguns empresários. Deixa de participar do BQT, não mais frequenta cursos oferecidos pelo projeto. Ele continua porém, com a idéia de trabalhar em forma de cooperativa. Jorge pensa, hoje, diferente de ontem, acredita que os microempresários somente sobreviverão se unirem suas forças, caso contrário, serão engolidos pelos

dragões do capitalismo. Em relação ao BQT, prefere deixar que outros façam a avaliação.

COM OS PÉS NO CHÃO E A CABEÇA NO ALTO, COMO CAPITALISTA.

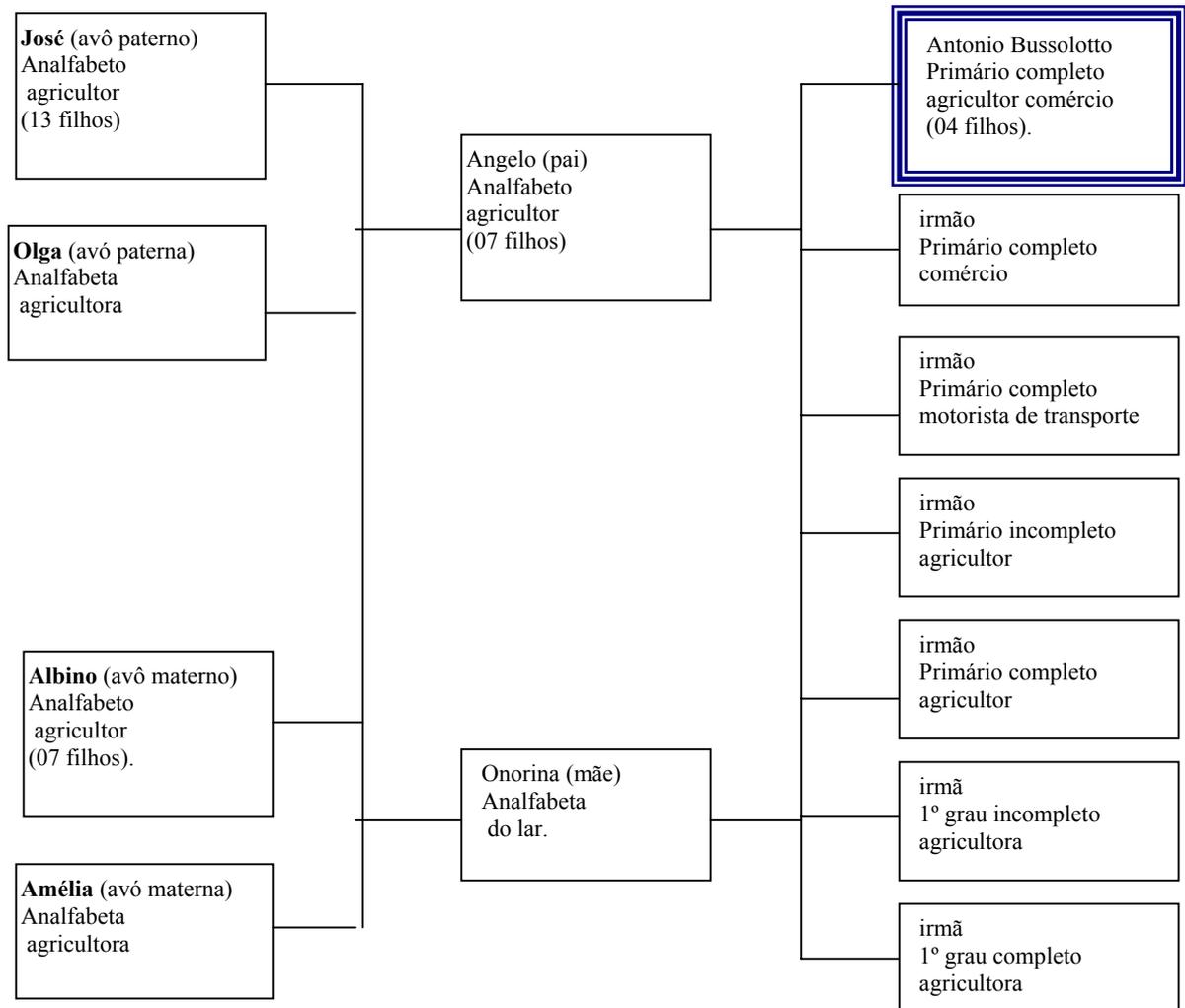


Figura 8. Árvore genealógica de Antonio Bussolotto
Fonte: Dissertação de mestrado.

Antonio Bussolotto vem de uma família de agricultores. Seus pais, ambos com idade avançada, moram na colônia,

interior de um município do Rio Grande do Sul, onde permanecem até hoje plantando e sobrevivendo do seu trabalho. Dos sete filhos que possuem, quatro continuam na agricultura, cuja produção comercializada garante a sobrevivência da família. Outro irmão, é motorista de transporte e dois possuem comércio de alimentos. Antonio tem quatro filhos e, embora tenha vindo de avós e pais analfabetos, sente a importância e a necessidade do conhecimento letrado. Uma filha, cursa odontologia e por vontade dele os outros, também, podem cursar o ensino superior, pois garante-lhes as condições necessárias. Um dos seus filhos segue a sua ocupação, trabalha como motorista de caminhão no transporte de batatas para comercialização.

Antonio, mesmo vindo do trabalho agrícola, sonha um dia, ter condições de ajudar seus pais que ainda vivem na colônia com muitas dificuldades. Sonha, também, tornar-se um grande capitalista, apesar de ter trabalhado na terra, durante muito tempo. Seu ingresso no BQT decorre da necessidade de ampliar o comércio de batatas recém-iniciado. Além de propiciar-lhe preparo técnico e um maior conhecimento na área da gestão administrativa, o projeto proporciona-lhe condições para enfrentar mais um desafio: continuar trabalhando com perspectivas de sucesso. Participando desde as primeiras reuniões, acredita na proposta e sente que a busca do

conhecimento hoje, é essencial. Na avaliação de Antonio, os cursos devem ter continuidade e serem dirigidos para aquilo que mais se tem urgência. O acompanhamento dos consultores, segundo ele, é de fundamental importância para o desenvolvimento da empresa. A extinção do projeto para todos os participantes é ruim e para Lages parece-lhe ser um retrocesso.

DE CAMELÔ A UM SONHO DE EMPRESÁRIA

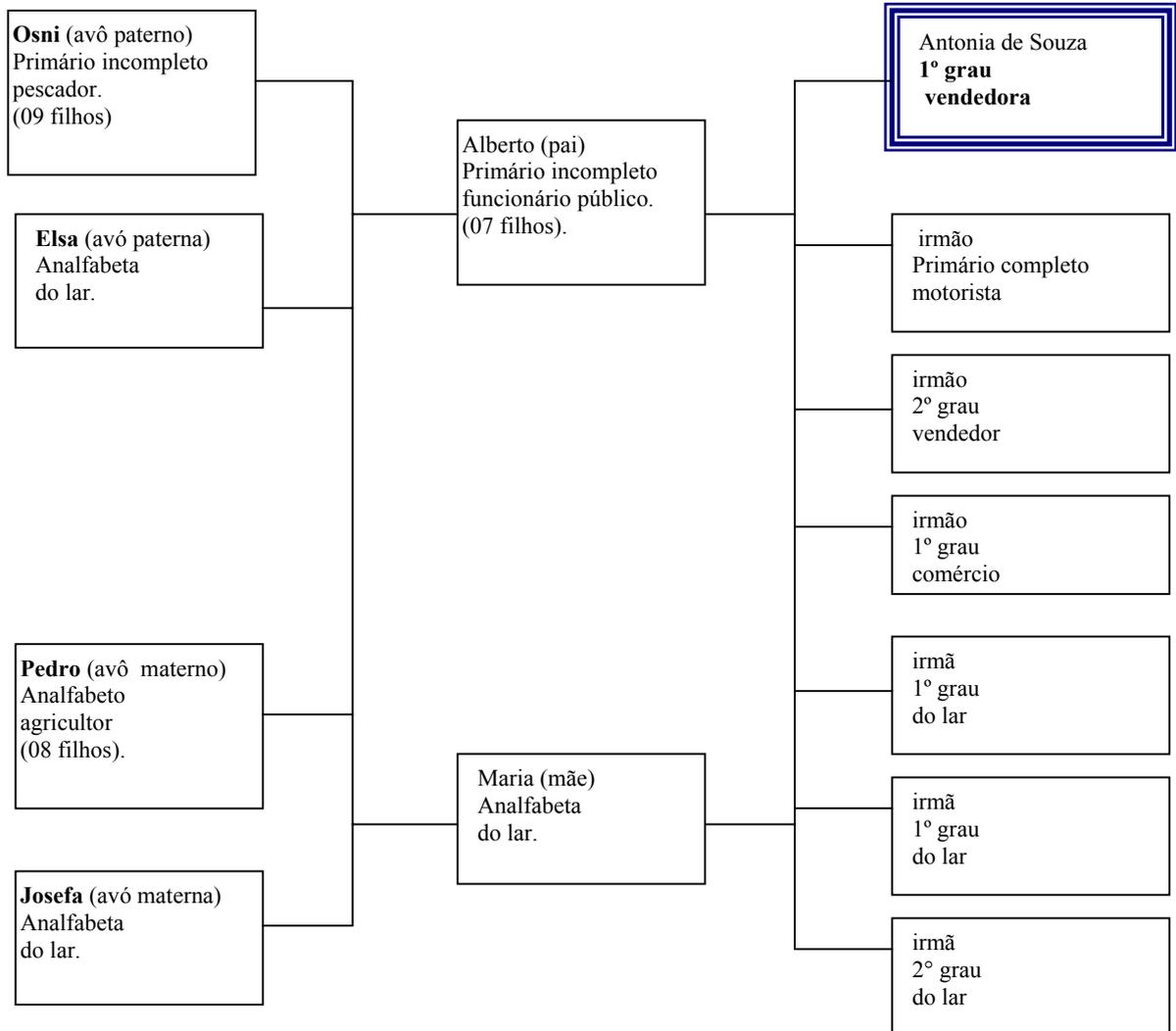


Figura 9. Árvore genealógica de Antonia de Souza
Fonte: Dissertação de mestrado.

Antonia é um nome fictício de uma senhora que tem 52 anos de idade, escolaridade baixa, até a 4ª série. Ela tem seis irmãos, que exercem diversas atividades. Seu pai é funcionário público aposentado da ferrovia. Desde cedo, Antonia trabalha como balconista em lojas de roupas e, depois

de casada, passa a vender roupas de cidade em cidade, na região sul do Estado. Morando em Tubarão, com casa própria, carro e uma vida relativamente tranqüila, faz uma sociedade com um cunhado numa fábrica de pirulitos, na esperança de poder parar de viajar. A fábrica vai bem e eles resolvem separar a sociedade, abrindo, cada um, a sua própria fábrica.

A fábrica, de fundo de quintal no bairro da Penha, situa-se na cidade de Lages. Para poder obter isenção dos impostos, ela entra para o projeto "Bairros Que Trabalham". Recebe orientação e participa de cursos na área da gestão empresarial, avaliados por Antonia como muito positivos. O negócio, entretanto, não dá certo pois, ela não consegue comercializar o produto. Espera colocar o produto com facilidade e isso não acontece. Pouco incentivo recebe do BQT para poder comercializar os pirulitos, principalmente, porque não conhece muito bem a cidade. Hoje, ainda continua com a fábrica de doces, produzindo em maior quantidade no inverno e, em menor quantidade, no verão. Antonia volta a comercializar roupas feitas. Agora, ganha somente a comissão de vendas, pois não dispõe de recursos para compra de estoque. Com todas as dificuldades enfrentadas, Antonia sonha um dia voltar a ter sua loja ou fábrica, pois para ela a "esperança é a última que morre".

O QUE OS UNE E O QUE OS SEPARA

Através desses breves traços de percursos ocupacionais de alguns microempresários, fica evidenciado que eles expressam um contexto em mudanças: todos querem ser pequenos empresários capitalistas mas em suas práticas empreendedoras, reafirmam a sua condição de trabalhadores hifenizados, como afirma Beynon (1995), trabalhadores-que-se-auto-empregam.

Na trajetória de vida dos empresários de micro e pequenos negócios da região "I", um outro elemento chama atenção: o fato de que 73,69% dos microempresários nascem e vivem parte de sua vida no interior dos municípios serranos trabalhando na agricultura ou pecuária como mostra a tabela a seguir. Cada um, com a sua especificidade, possui uma história que os unem num todo: o êxodo rural.

Tabela 4. Origem dos microempresários

	NA	%
Nasceram e viveram na cidade de Lages	05	26,31
Nasceram no interior de Lages e vieram para a cidade	14	73,69
TOTAL	19	100,0

Durante muito tempo, a produção de riquezas no município de Lages dá-se através da madeira, onde a instalação de serrarias abrigam assalariados para a execução de atividades que vão do corte do pinheiro, ao processo de produção de

tábuas. Paralelamente o trabalho na pecuária também absorve uma força de trabalho que se estende, desde a atividade de capataz (profissional responsável pelo comando geral da fazenda), até a de peões que lidam diretamente com o gado e a lavoura. Hoje, nada disso temos: as ocupações vinculadas ao corte da madeira e à pecuária encontram-se obsoletizadas. As pessoas migram para as cidades em busca de alternativas.

Outros aspectos a serem considerados como fatores determinantes da saída do trabalhador rural para a cidade são: a falta de recursos para atendimento à saúde (ausência de postos de atendimentos médicos e dentários em localidades do interior), educação precária (escolas distantes, apenas de 1ª a 4ª série do ensino fundamental, com professores não habilitados, com pouco ou nenhum recurso didático). Incluem-se ainda como fatores determinantes: a precariedade das estradas do interior, a falta de meios de transportes, a ausência de energia elétrica, da telefonia rural, o pouco conforto e a falta de opções de lazer. Enfim, a distância da comunicação com o resto do mundo, quando hoje os fatos locais são também globais.

Conforme tabela 4, um percentual de 26,31% das pessoas entrevistadas, embora não tenham nascido no interior, trazem uma herança de vida rural, influenciadas pela família. Quatro microempresários admitem que seus pais além de nascidos no

interior, vivem por lá bom tempo de suas vidas. Essas pessoas se enquadram na faixa etária de 20 a 35 anos e apresentam uma escolaridade no nível das demais já relatadas.

Os dados a seguir trazem um panorama sobre a origem dos microempresários da região "I", especificamente, no que tange às suas ocupações.

Tabela 5. Setor econômico de origem dos microempresários

	NA	%
De família de agricultores ou atuavam na agricultura	13	68,42
Pertencentes a outros setores	06	31,58
TOTAL	19	100,0

POR QUE MIGRARAM?

Entre os pesquisados, 68,42% saem do campo, mas continuam trabalhando em família, com usos e costumes do interior, especialmente no que toca à criação de animais. As atividades de criar porcos, galinhas, vaca de leite ou horta familiar é desempenhada por toda a família sem uma renda específica ou um salário. Essa prática ocorre na periferia da cidade, onde algumas famílias insistem em continuar dedicando-se ao criatório, vivendo à maneira do campo. Outras famílias, desenvolvem artesanato regional de fundo de quintal, como a produção de peças de vimes, doces artesanais e o trabalho com

lã de ovelha, atividades encontradas nos bairros pesquisados. Na realidade, as pessoas que se situam nesses processos de trabalho não são assalariados nem empresários.

Os microempresários pesquisados trazem na sua história de vida uma trajetória profissional iniciada por seus antepassados, cuja força de trabalho é dirigida à produção agrícola como único meio de sobrevivência da família. Hoje, trabalhando em atividades sem muita qualificação, tais microempresários buscam uma forma de sobrevivência, como produtores independentes. Entretanto, são alijados dos direitos sociais, das conquistas trabalhistas e não possuem salário fixo. Não são nem assalariados e, nem mesmo, empresários, parecendo mais "cabeça de capitalista e pés de assalariados". Para Tiriba (1998),

"o que é novo é exatamente o fenômeno generalizado que se estende nos países latino-americanos, como parte integrante do contexto maior da nova ordem internacional em que o trabalho assalariado parece perder a sua centralidade. Neste contexto é preciso considerar a grande concentração da população nos grandes centros urbanos: em apenas 20 anos, 28 milhões de brasileiros deixaram o campo, nos últimos 50 anos a taxa de urbanização cresceu 145% no país. Não podendo ser absorvida pelo setor da economia, em 1993 segundo dados da PNAD, 57% da PEA estava vinculada à atividades informais. Em 1990, mais da metade da população economicamente ativa trabalhava em iniciativas

familiares ou pequenas empresas com até 10 trabalhadores" (Tiriba, 1998: 102).

Entre os milhões de brasileiros que deixam o campo, incluem-se com certeza os microempresários do projeto "Bairros Que Trabalham", filhos de pequenos proprietários de terra que, por falta de espaço que garanta a sobrevivência para toda a família, saem em busca de novas oportunidades de trabalho na cidade. Esta prática vem formar nas cidades maiores, verdadeiros cinturões de pobreza, retratando uma realidade sem expectativas de mudanças. Para Castells (1999,

"a economia norte americana está projetada para gerar mais de 26 milhões de empregados entre 1992 a 2005. No entanto, as características mais visíveis na projeção são a continuação da tendência para o declínio do emprego rural e industrial que declinará a uma taxa anual média de (-0,4) e (-0,2) respectivamente. É importante observar que, embora o nível de emprego rural devesse declinar para 2,5% do total de empregos, espera-se que as profissões relacionadas à agricultura cresçam. Isso porque, enquanto se estima que haja uma redução de 231 mil trabalhadores rurais, espera-se um aumento de 331 mil empregos para jardineiros e conservadores de áreas verdes: a suplantação do emprego do setor rural pelo emprego em serviços ligados a esse setor na área urbana" (Castells, 1999: 244).

Na tabela abaixo, pode-se perceber alguns dos motivos que levam os microempresários a deixarem seus locais onde moram. Sem perspectivas para continuarem no meio rural, principalmente os jovens saem em busca de uma nova forma de viver sem ser a agricultura e a pecuária.

Tabela 6. Distribuição percentual de motivos que levam os emigrantes a deixar o local onde moram.

	NA	%
A busca de novas oportunidades de trabalho	06	31,58
Pensando em melhorar de vida	04	21,05
A falta de incentivo e opção para continuar no trabalho do campo	04	21,05
Dar continuidade a um negócio da família	03	15,80
Não respondeu	02	10,52
TOTAL	19	100,0

Conforme tabela, um percentual de 31,58% dos microempresários deixam o local de trabalho e vêm para a cidade, porque têm um sonho a concretizar: melhorar de vida, ou seja, melhorar as condições de trabalho, moradia, saúde, educação, enfim, todos os aspectos físicos, sociais e humanos para si e sua família. Tomando como exemplo, seus pais que viveram uma vida de dedicação e amor à terra, plantando, cuidando de animais, criando e educando os filhos com dificuldades, esse segmento da sociedade chega ao final da caminhada, envelhecido, doentes na maioria das vezes sem

aposentadoria, esperando que seus filhos de uma forma, ou de outra, possam ajudá-lo, já que, nada mais lhe resta senão aguardar pela morte, a única certeza existente.

NA CIDADE

Desqualificados, eles chegam para habitar nas cidades apenas como possuidores de força de trabalho, uma força de trabalho desqualificada que torna-se para o capital manipulável e mais barata. Para eles, são reservadas tarefas rotineiras e parceladas que custa menos do que uma força de trabalho polivalente e qualificada. Os trabalhadores qualificados são escassos, em geral, e cada um em sua especialidade, dá força negociadora aos empresários na hora de discutir salários ou sobre as condições de trabalho. No entanto, os trabalhadores que realizam tarefas parciais e rotineiras necessitam de força negociadora, pois, podem ser substituídos a qualquer momento, ou mesmo manipulados nos cálculos empresariais da mesma forma que as matérias-primas ou as máquinas.

Em período ainda recente, inúmeros estudos e pesquisas têm-se dedicado a examinar os riscos sociais e econômicos decorrentes do baixo nível educacional da população brasileira. A expressiva desqualificação do microempresário do projeto BQT comprova o fraco desempenho do sistema

educacional em vigência no país que, na maioria das vezes, impõe-se pela exclusão. A grande maioria possui conhecimentos equivalentes, no máximo, às quatro primeiras séries do 1º grau. Esta é uma questão importante, na medida em que diz respeito também à qualificação da nossa força de trabalho. Para Antunes (1999),

“o mundo do trabalho dos países centrais, com repercussões também no interior dos países de industrialização intermediária, tem presenciado um processo crescente de exclusão dos jovens e dos trabalhadores considerados “velhos” pelo capital. Os primeiros acabam muitas vezes engrossando as fileiras de movimentos neonazistas, sem perspectivas frente à vigência da sociedade do desemprego estrutural. E aqueles, com cerca de 40 anos ou mais, uma vez excluídos do trabalho dificilmente conseguem se requalificar para o reingresso, ampliando assim o contingente dos trabalhadores sem carteira assinada. O mundo do trabalho capitalista moderno hostiliza diretamente esses trabalhadores, em geral herdeiros de uma “cultura fordista”, de uma especialização que, por sua unilateralidade, contrasta com o operário polivalente e multifuncional (muitas vezes no sentido ideológico do termo) requerido pela era toyotista” (Antunes, 1999: 112)

O SONHO DE SER MICROEMPRESÁRIO ADENTRA O GÊNERO

Olhando a tabela identifica-se a participação da mulher com 31,58% o que pode representar uma mudança na distribuição de "papéis" de direção e gerenciamento, outrora estabelecidos apenas para homens.

Tabela 7. Distribuição percentual por sexo dos microempresários da região "I"

	NA	%
Empresários do sexo masculino	13	68,42
Empresários do sexo feminino	06	31,58
TOTAL	19	100,0

Neste momento histórico, a participação da mulher como microempresária, desempenhando a tarefa administrativa é algo novo e serve de incentivo para que outras mulheres ajudem a trilhar esse caminho. Do total pesquisado, 31,58% são mulheres que estão indo à luta e caminhando, lado a lado, com o homem. A inserção da mulher no mercado de trabalho na região serrana é algo recente, principalmente, em se tratando da gestão empresarial. A cultura de que a mulher não tem visão administrativa empresarial é coisa do passado. Hoje esta prática se apresenta como natural e inquestionável, já que o sucesso feminino se faz presente em muitas empresas. Antunes, (1999) diz que:

"as relações entre gênero e classe permite constatar que, no universo do mundo produtivo e reprodutivo, vivencia-se também a efetivação de uma construção social sexuada, onde os homens e as mulheres trabalhadores são, desde a família e a escola, diferentemente qualificados e capacitados para o ingresso no mercado de trabalho. E o capitalismo tem sabido apropriar-se desigualmente dessa divisão sexual do trabalho" (Antunes, 1999: 109).

É evidente que a ampliação do trabalho feminino no mundo produtivo nas últimas décadas é parte do processo de emancipação parcial das mulheres, tanto em relação à sociedade de classes, quanto às inúmeras formas de opressão masculina, fundamentadas na tradicional divisão social e sexual do trabalho. Segundo Helena Hirata (1993),

"quando se tematiza acerca do trabalho não-assalariado, e mais particularmente sobre a divisão sexual do trabalho, deve-se incorporar também o trabalho não-remunerado, extra-assalariado, de que é exemplo o trabalho doméstico realizado pelas mulheres que, mesmo trabalhando como assalariadas, o fazem também no espaço doméstico, como não-assalariadas. Se o emprego assalariado retrai-se, a atividade real do trabalho continua a ter um lugar estratégico nas sociedades contemporâneas" (Hirata, 1993: 7).

SITUAÇÃO PROFISSIONAL DOS MICROEMPRESÁRIOS ANTERIOR AO PROJETO BQT

Os microempresários entrevistados evidenciam uma trajetória ocupacional diversificada antes de participarem do projeto BQT. Essas pessoas trazem consigo, uma história de vida marcada por experiências significativas de amadurecimento como seres humanos, mas também, de sofrimento e de luta pela sobrevivência. A tabela mostra dados da situação profissional deles, às vezes contraditórias em relação a atual situação.

Tabela 8. Distribuição percentual da situação profissional dos microempresários anteriormente ao projeto BQT

	NA	%
Estiveram desempregados no período de 0 a 4 anos	03	15,80
Trabalharam com a família	05	26,31
Trabalharam por conta própria	05	26,31
Nunca estiveram desempregados	06	31,58
TOTAL	19	100,0

Entre os microempresários entrevistados 15,80% mantêm-se desempregados no período de 0 a 4 anos, indicando uma tendência à procura de novas experiências ocupacionais, onde vivem e trabalham parte de suas vidas. Constata-se que as três pessoas que estiveram desempregadas, possuem

escolarização pouco alongada, não tendo o 1º grau completo. Trata-se de uma realidade enraizada na história da cidade de Lages, da não valorização do saber letrado. A região serrana como um todo, não tem tradição de lutas camponesas ou operárias e de participação em movimentos populares para reivindicar o que lhe é de direito. A escola pública por muito tempo, esteve ausente e concede espaço à escola particular como educação especial para as elites. Os aspectos levantados refletem o alto índice de analfabetos ainda hoje, em Lages. No interior do município, a situação é ainda pior. As escolas multisseriadas denominadas de escolas "isoladas", localizam-se na área rural e pela vasta extensão territorial do município distam uma da outra, dificultando a participação dos filhos de agricultores e de outros. Os que têm oportunidade de freqüentar a escola não têm muitas vezes, condições de aproveitamento satisfatório e são expulsos do processo pelo sistema sócio-cultural da escola. Segundo Munarim (2000),

"a integração social do caboclo serrano, sua adaptação ao meio, sua diferente intuição sobre a propriedade, o capital e o trabalho, enfim, sua visão de mundo leva-o a perceber que os valores e os elementos culturais veiculados na escola são diversos dos seus e intui que não lhes servem. Se não nega explicitamente o valor da escola, e ao que parece não o faz, é também

verdade que não a valoriza para si" (Munarim, 2000: 108).

TRABALHADORES POR-CONTA-PRÓPRIA

Quanto aos que trabalham por conta própria, anteriormente ao BQT, eles fazem parte de uma força-de-trabalho precarizada, com pouca ou nenhuma qualificação. São trabalhadores com baixa escolaridade, indiretamente subordinados ao capital, além ainda, dos desempregados.

Quando falamos de "trabalho precário", pensamos nos trabalhadores assalariados sem carteira de trabalho, nos trabalhadores individuais por-conta-própria e em família, que prestam serviços dos mais diversos sem vínculo algum, e que vendem a sua força-de-trabalho.

Os trabalhadores pertencentes ao setor de serviços, legalizados ou não, caracterizando-se como unidades familiares, operários ou artesãos, micro ou pequenos empresários não assalariados, o que permite identificar a natureza da economia, são os seus atores, que sem dúvida são oriundos das classes sociais menos favorecidas e que vendem a sua própria força-de-trabalho.

PERSPECTIVAS DE FUTURO

É prematuro avaliar resultados obtidos com os cursos de qualificação profissional realizados no período de execução do projeto BQT. Especificamente na região "I" os dados colhidos servem para mostrar como os cursos repercutem na comunidade dos bairros estudados. O tema da qualificação profissional é polêmico e dado a sua complexidade torna-se complicado analisar, até que ponto o projeto BQT atingiu seus objetivos no que se refere à qualificação.

Tabela 9. Resultados percentuais de desempenho profissional obtidos com os cursos de qualificação na percepção dos microempresários

	NA	%
Melhoria na administração do negócio	05	26,31
Melhoria no desempenho geral da empresa	04	21,05
Desenvolvimento de novas idéias	03	15,80
Melhoria no setor de vendas	01	5,26
Melhoria no desempenho técnico profissional	01	5,26
Não contribui em nada	02	10,52
Não respondeu	03	15,80
TOTAL	19	100,0

Na opinião dos pesquisados, 26,31% dizem estar satisfeitos com os cursos de um modo geral (conteúdos

teóricos e práticos). Os 21,05% apontam a utilidade dos referidos cursos no desempenho das atividades empresariais principalmente, em se tratando de atendimento ao cliente. Os 15,80% dizem ter se favorecido no desenvolvimento de novas idéias, pois, hoje, o empresário tem que ser criativo. Apenas 5,26% dos empresários respondem que os cursos trouxe-lhes melhoria no desempenho técnico e no crescimento das vendas. Os demais percentuais apontam para o aspecto negativo. Para um, em nada contribuiu e, outro, deixou de responder.

Para o público constituído de micro e pequenos empresários da região pesquisada, são oferecidos no período de execução do BQT os cursos de: cabeleireiro, artesanato em vime, industrialização de frutas, panificação e confeitaria. Na área da gestão empresarial, uma série de módulos são trabalhados, entre eles o de administração de pequenos negócios, técnicas de vendas, custos, negociação bancária e outros. Além disso, algumas palestras motivacionais constam do programa de cursos, porém, com uma pequena representação dos microempresários da região "I", reafirmando uma vez mais a pouca participação nas qualificações oferecidas.

Os microempresários do projeto "Bairros Que Trabalham", atribuem um melhor desempenho de seu negócio em relação à administração gerencial e de pessoal, às oportunidades de capacitação desenvolvidas durante a implantação do programa,

sendo consideradas como as primeiras orientações recebidas acerca do assunto. Para Cruz (1999),

“a formação profissional do trabalhador, ao se mostrar ideologicamente configurada ora em programas de capacitação técnica, ora em programas de valorização do humano, se vê atropelada pelas condições econômicas, políticas e culturais da sociedade e das próprias organizações, o que permanece como um desafio à construção de alternativas reais ao processo de formação profissional, visto que implicaria assumir que a formação e o desenvolvimento do trabalhador deveria se configurar numa instrumentalização da realidade do trabalho, isto é, a aprendizagem de conceitos e métodos a partir das qualidades formais e subjetivas construídas e vividas nas relações de trabalho” (Cruz,1999: 179).

O quadro a seguir traz um enfoque dos assessores do projeto BQT, relatando aspectos significativos para a compreensão do mesmo.

Os assessores entrevistados representam instituições envolvidas no projeto com olhares específicos conforme função desempenhada no período de execução do projeto.

O BQT SOB O ENFOQUE DOS ASSESSORES

Quadro 7. O BQT sob o enfoque dos assessores

NOME	INSTITUIÇÃO REPRESENTA	OBJETIVO DO BQT	FILOSOFIA DO BQT	ORIGEM DOS RECURSOS	ENFOQUE DO BQT	OBJETIVO BANCO DA MULHER	CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROJETO
GILMAR PAHAL (Consultor do SEBRAE)	SEBRAE	Geração de emprego e renda nos bairros	Alicerçado num dos produtos do SEBRAE/ PRODER	SEBRAE Nacional e Prefeitura	Sócio-Político	Não participa da sua implantação	Não sei responder, prefiro não fazer considerações.
LUÍS PFLEGER (Coordenador do projeto pela Prefeitura 99/2000).	Representante da Prefeitura/ representante do Governo no CMTE e Coordenador do BQT	Gerar oportunidade de trabalho e renda	Uma política de geração de trabalho e renda, com uma forte inclusão no social e cidadania	SEBRAE Nacional Prefeitura e FAT/SINE	Sócio-Político, porém utilizado politicamente em época de campanha.	Criado para dar sustentação ao projeto, porém é desvirtuado logo na sua implantação, não cumpre objetivos	Não teve o sucesso esperado, motivado por problemas de ordem pessoal dos envolvidos, pensando em promoções pessoais sem considerar os parceiros.
MARCIO DE OLIVEIRA (Coordenador Geral do BQT/ 97/98/99).	SEBRAE e Prefeitura	Apoio ao micro e pequeno negócio, através da qualificação e acompanhamento ao microempresário	Geração ou melhoria de renda das pessoas e a formação de uma nova cultura da pequena empresa.	SEBRAE Nacional SENAI com laboratórios e Prefeitura	Sócio-Político e representou a venda de um dos produtos do SEBRAE	Criado para dar sustentação ao projeto no setor financeiro.	Se os resultados não foram esperados, mas mexeu com as estruturas da sociedade como um todo. Despertou interesse dos empreendedores e a busca de investimentos na área pessoal.
BENJAMIN SCHULTZ Secretário adjunto da Secretaria da Família Presidente do CETE Secretário titular da SDF.	Governo do Estado e Prefeitura Municipal de Lages	Diminuir o desemprego qualificando trabalhadores	Alicerçado em teorias de Cooperativismo Europeu	Parceiros do Projeto, com apoio institucional, recursos do FAT.	Sócio-Político e Educacional	Desconhece os reais objetivos do banco.	Um excelente projeto, porém com dificuldades na área da qualificação. O lageano pela cultura própria não busca se qualificar. Para mim o projeto não teve nenhum destaque e nenhum tratamento especial.

Lages tem na sua estrutura política, social e econômica, razões historicamente construídas que se contrapõem a uma proposta associativa de trabalho e renda, que se pretende buscar. Qualquer mudança implica tarefa árdua.

O projeto BQT representa uma alternativa capaz de atenuar o problema da falta de emprego e renda para um número expressivo de trabalhadores no município de Lages. O projeto como outro qualquer é pensado, elaborado e colocado em prática sem muita avaliação. Toda e qualquer análise parte de alguns princípios fundamentais e os envolvidos prestam sua contribuição fornecendo informações a serem somadas para posteriores resultados.

Gilmar Pahal, representante do SEBRAE, participa no projeto durante o período de implantação com consultoria às micro e pequenas empresas do projeto "Bairros Que Trabalham", até agosto de 1998. Para ele, o projeto é criado com o objetivo de gerar emprego e renda através do comércio e indústria, reforçando o empreendimento no bairro onde ele está inserido.

Com isso, a Prefeitura de Lages com alguns parceiros como (SENAI, UNIPLAC, ACIL, AMPE, SEBRAE) executa cursos de qualificação profissional, para que os microempresários, munidos de informações relativas ao negócio empreendido, possam tornar realidade o seu sonho de vir a ser um pequeno produtor capitalista.

Segundo o depoimento de Gilmar, o projeto "Bairros Que Trabalham" está embasado num dos princípios do SEBRAE - "o empreendedorismo", com um enfoque sócio-político, fundamentado teoricamente na experiência italiana do associativismo e cooperativismo. Sua atuação como representante do SEBRAE e consultor do Projeto no período de implantação, diz que o "Bairros Que Trabalham" teria tudo para dar certo, se houvesse, além da vontade do grupo que o idealizou, a vontade política do governo municipal constituído e sem interferências partidárias. Gilmar não continua no projeto. Diz que "foi bom enquanto durou", considera um trabalho como qualquer outro, não havendo nada que possa fazer a diferença ou comprometê-lo.

Outro assessor é Luís Pflieger, coordenador do projeto "Bairros Que Trabalham" pela Prefeitura e Presidente do Conselho Municipal de Trabalho e Emprego no ano de 1999. Sua participação é envolvente e marca profissionalmente sua vida que, a responsabilidade de implantação e continuidade do mesmo, é algo decisivo e de fundamental importância para a administração municipal a qual pertence. Como projeto de geração de trabalho e renda para classes menos favorecidas dos bairros da cidade, a implantação e operacionalização do projeto acontece na administração municipal de partidos de esquerda, representando a "Frente Popular de Lages". Hoje, com a mudança da administração municipal, o projeto está parado aguardando definição do atual prefeito. Para Luís, o

grande entrave no desenvolvimento do projeto foi a interferência político partidária dos partidos coligados, principalmente ao final do mandato, onde cada um pensando em si próprio (promoções pessoais) sem considerar o grupo ou parceiros, dizia-se "pai da criança", fazendo parte dos discursos de palanque.

Pôde-se sentir uma decepção enorme por parte do entrevistado (ex coordenador do projeto) que pensa haver descoberto a solução para os problemas existentes nos bairros no que tange o social, econômico, especialmente, o desemprego. Percebe, no entanto, que não há nenhum interesse por parte da nova administração em dar continuidade, pois a equipe de trabalho existente encontra-se dissolvida, restando apenas uma pessoa que conhece o projeto.

A entrevista realizada com Márcio de Oliveira, também um dos responsáveis pela implantação do projeto "Bairros Que Trabalham", traz de uma forma transparente os objetivos da proposta, que segundo ele, visa resolver o crucial problema do desemprego existente nas periferias da cidade de Lages através da geração de trabalho e renda desenvolvido na própria comunidade.

Em se tratando de Lages, onde a população dos bairros é eminentemente produto do êxodo rural, a tentativa de implantação da proposta surge, como perspectiva de se trabalhar e apoiar os trabalhadores desempregados,

qualificando-os e preparando-os para assumirem a liderança de seu próprio empreendimento.

Segundo Márcio, mesmo não permanecendo o período todo de funcionamento do projeto, acredita que dos objetivos propostos, parte deles foi atingido, destacando a grande importância de reflexos positivos que o mesmo trouxe à cidade e região. Diz que, através do projeto "Bairros Que Trabalham", outras atividades foram despertadas como a formação de cooperativas, associações, investimentos de empresas de fora e a idéia de uma nova cultura da pequena empresa. Se os resultados do projeto não são os que se esperava, resta dizer que o mesmo mexeu com as estruturas da sociedade, quando, na oportunidade recebemos visitantes de São Paulo para conhecer o projeto em funcionamento. O projeto também despertou interesse dos empreendedores em conhecer mais sobre a administração de pequenos negócios e o principal fator - a motivação para a busca de investimentos na área pessoal.

Parece prematuro avaliar uma proposta de geração de trabalho e renda, num momento que ocorre mudanças no paradigma produtivo e que vem interferir diretamente na organização do trabalho. Não se tem a pretensão de apontar falhas, o que se pretende é levantar questões que possam ser discutidas e melhoradas para continuidade do projeto. Márcio hoje, desenvolve atividades no Banco da Mulher e prefere não

fazer uma avaliação sobre o projeto, que considera precipitada, pois a sua saída se deve ao fato da não aceitação de interferência político partidária no mesmo .

Benjamin Schwltz ex Secretário de Desenvolvimento Social e da Família e também Presidente do Conselho Estadual de Trabalho e Emprego em Santa Catarina, declara ao entrevistador que o projeto "Bairros Que Trabalham" possui uma filosofia, se cumprida é capaz de atenuar as dificuldades enfrentadas com o problema do desemprego em Lages e região serrana. A sua participação no projeto dá-se na etapa da qualificação dos microempresários como representante estadual dos recursos do FAT destinados ao Plano Estadual de Qualificação/ SINE do Estado de Santa Catarina. Em seu depoimento diz que sente o trabalhador lageano desmotivado, desinteressado e não participativo dos cursos que lhes são ofertados em parceria com o projeto "Bairros Que Trabalham". Atribui o descomprometimento do trabalhador com a qualificação profissional, ao fato de o trabalhador não mais acreditar em mudanças que podem ocorrer após ter participado de uma experiência nova. Falta a esse trabalhador na visão de Benjamin, coragem para inovar ou mesmo recriar a sua atividade profissional e quem sabe, novas perspectivas.

Vale aqui ressaltar, que a desqualificação é inerente aos conflitos de poder que passam pela organização do trabalho e pelo sistema de fábrica, no entanto, a recuperação da

qualificação é colocada numa exigência fora da fábrica, na escola. O trabalho vincula-se com a educação nos aspectos econômicos, sociais e culturais afetados por todas as dimensões da produção e reprodução da existência humana de formas diferentes em cada época.

Precisa-se, portanto, pensar a questão da qualificação como uma dimensão importante na definição de coletivos, vale dizer, na construção de identidades e interesses em grupos sociais específicos. Ela impõe que se reconheça o mundo do trabalho como um âmbito da produção e regulação política de relações sociais sustentadas em representações subjetivas conviventes e concomitantes com a produção de bens.

Cabe à educação qualificar os trabalhadores permitindo-lhes participar do mercado de trabalho, preparando-os para as inovações tecnológicas. Embora não possa se desvincular da tecnologia, essa educação deve acima de tudo ter em vista a diminuição das injustiças e desigualdades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As características e os desafios de uma economia globalizada e competitiva redefinem o problema do emprego e exige novos rumos. Assim, aumentam de importância os requisitos de uma educação fundamental de boa qualidade, erradicação do analfabetismo e o aumento dos anos de escolaridade para a população como um todo.

Partindo desse princípio, as considerações a serem feitas sobre o projeto BQT, aponta para uma tendência ao insucesso, mesmo antes de concebê-lo, dado o perfil do público participante. Os microempresários estudados, advindos do meio rural, com baixa escolaridade, pouca ou nenhuma qualificação para o mercado de trabalho atual, encontram dificuldades de permanecerem ativos em suas atividades, dado as exigências do mercado capitalista que vão além de seu desempenho cotidiano.

É preciso reafirmar que toda a iniciativa de participação comunitária em nível municipal que busca construir alternativas econômicas para os moradores das periferias, oriundos do meio rural, significa um desafio diante da história serrana de relações sociais de dominação e submissão. Daí, a importância de iniciativas como a do projeto "Bairros Que Trabalham" pelo espaço conquistado junto aos microempresários dos bairros de Lages, na medida em que se discutiram problemas comuns de uma sociedade que dizem respeito aos demais segmentos como um todo.

Tomada como referência a "experiência italiana", vale tecer algumas considerações que a diferenciam da realidade brasileira. Na Itália, a força de trabalho é de alto nível tanto em relação à formação técnica, quanto à escolar. Estabilidade no emprego, poucas diferenciações salariais, pouca rigidez na definição dos postos de trabalho, o trabalho em equipe como forma de organização, contratações sindicais sérias com instrumentos que fazem valer os acordos e baixo nível de desemprego. A relação harmônica entre as novas tecnologias e trabalho são características marcantes da experiência italiana que teve a influência decisiva do partido comunista italiano na implementação de uma política de apoio às micros e pequenas empresas.

No Brasil, a escola pública é precária e o sistema de formação profissional fraco. Em alguns casos, a

multifuncionalidade é conseguida após uma nivelção de salários, e em outros casos, o contrário, morre por ser incompatível. Confrontando as características do modelo italiano com as brasileiras levantam-se: a) inexistência de trabalho em equipe, apenas a formação de grupos onde a constituição é informal, pouco reconhecida embora seja fundamentada na produção, b) os conflitos trabalhistas ainda encarados pelos detentores do poder político como "antinacionais" e falta de políticas públicas de incentivo à produção agrícola familiar.

A *priori*, no Brasil, torna-se difícil e "quase impossível" de se atingir os níveis de participação e crescimento de qualquer empreendimento como acontece na Itália. Lá, o sistema financeiro é consolidado e capaz de fornecer todas as opções de crédito em termos de prazo. Enquanto no Brasil o sistema financeiro configura-se complexo e de difícil acesso. A falta de bem capital do microempresário é o grande empecilho como garantia aos financiamentos. Os recursos existem, o que falta é justamente um mecanismo que proporcione condições de acesso aos recursos com diminuição de custos operacionais aos bancos, permeabilidade, diminuição do risco e, principalmente, vontade política.

Sob o ponto de vista da pesquisa de campo, o universo imaginado pelo pesquisador surge muito diferente e com

algumas surpresas. É realmente muito mais complexo e rico do que se pensava. Complexo porque adentrar uma experiência nos moldes do BQT, exigiu estudo, busca de um referencial até então desconhecido, documentos, bibliografia e pessoas que ajudassem na elaboração de uma leitura crítica sobre a experiência que acontecia ao redor e até então, despercebida.

Compreender a realidade desses microempresários, como vivem ou sobrevivem com seu trabalho, enfim, que perspectivas têm os mesmos diante da realidade que se lhes apresenta, constitui o quadro de preocupações à medida que se avança para um mercado cada vez mais competitivo. Percebe-se, ainda, que esses microempresários, por inúmeras limitações não conseguem acompanhar o ritmo do avanço global. O nível de escolaridade dos pesquisados é baixo, possuem em média o primeiro grau, demonstrando enormes dificuldades em relação às mudanças que ocorrem diariamente nos mais diversos setores. As perspectivas de mudanças nas relações de trabalho são evidências remotas, o que permite com certeza vislumbrar a continuidade do trabalho precário.

Apesar da complexidade das evidências flagradas e registradas, afirmamos positivamente a riqueza na diversidade de aspectos contidos nas entrevistas com os microempresários, na verdade, o ponto alto deste estudo. A história de vida de cada um dos microempresários reflete a expressão cultural de um povo marginalizado e oprimido. A falta de oportunidades

pode com certeza, constituir-se em matéria a ser trabalhada, com vistas à transformação de uma realidade posta à nossa frente. Diante do quadro que o país vive hoje, prever o futuro profissional dos pesquisados é uma utopia, já que, não há nada de concreto que possa vislumbrar um horizonte de esperança à essas pessoas.

Importa dizer que o projeto "BQT" deu os primeiros passos de um planejamento de participação comunitária bem elaborado, mas com uma operacionalização a ser repensada em termos de estrutura financeira, de consultorias e de capacitação continuada aos microempresários dos bairros de Lages.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Márcio Moreira. **A "Força do Povo": Democracia participativa em Lages**. São Paulo: Editora Brasiliense S.A. 1988.

ANDRADE, Edinara T. de. **A Força do Povo: Do Clientelismo Diádico ao Clientelismo de Massas**. Blumenau: Letra Viva Editora, 1996.

ANTUNES, R. **Adeus ao Trabalho?: Ensaios sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. São Paulo: Cortez/ Editora da UNICAMP, 1995.

ANTUNES, R. **Os Sentidos do Trabalho: Ensaios sobre a afirmação e negação do trabalho**. São Paulo: Editorial, 1999.

AUED, Bernardete W. (Org.). **Educação para o (Des) Emprego**. Petrópolis: Vozes, 1999.

AUED, Bernardete W. **História de Profissões em Santa Catarina: ondas largas "civilizadoras"**. Florianópolis: Ed. Do Autor, 1999.

BRAVERMANN, H. **Maquinaria**. In: **Trabalho e Capital Monopolista**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1974.

CARVALHO, Marília G. de. **Tecnologia, desenvolvimento social e educação tecnológica**. Educação e Tecnologia. CEFTs -PR/MG/RJ, n° 1,1997.

CASAROTTO, Filho Nelson, PIRES, Luis H. **Redes de Pequenas e Médias Empresas e Desenvolvimento Local**. São Paulo: Atlas, 1999.

CASAROTTO, Filho Nelson. **A Experiência Italiana para o desenvolvimento de pequenas indústrias em Santa Catarina**. Florianópolis: Fórum Catarinense de Desenvolvimento, 1996.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra S.A., 1999.

CASTRO, Nadya A. **Qualificação, qualidades e classificações**. Educação e Sociedade, São Paulo: Cedes, n° 45. 1993.

DEDECCA, Cláudio S. **Reforma do Estado & Políticas de Emprego no Brasil**. Campinas, 1998. DIEESE (Organizador). **Emprego e desenvolvimento tecnológico: Brasil e contexto internacional**. São Paulo, 1998.

FARTES, Vera L. B. **Trabalho-educação: novos paradigmas para uma antiga relação?** Educação e Sociedade, São Paulo: Cedes, n° 41. 1992.

FIDALGO, Fernando Selmar. (Org.). **Gestão do Trabalho e Formação do Trabalhador**. Editora Movimento de Cultura Marxista, 1996.

FIOD, Edna G. M. **Requalificação Profissional: Seminário Profissões, Empregos e Desemprego**. Florianópolis, 1999.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação e Crise no Trabalho: Perspectivas de Final de Século**. Petrópolis: Vozes, 1998.

GOMES, Carlos Minayo. **Trabalho e conhecimento: Dilemas na Educação do Trabalhador**. São Paulo: Cortez, 1987.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Edição Loyola, 1996.

HIRATA, Helena e outros. **Alternativas Sueca, Italiana e Japonesa ao Paradigma Fordista: Elementos para uma discussão sobre o caso brasileiro**. São Paulo, 1996.

KUENZER, Acácia Z. **Pedagogia da Fábrica: As Relações de Produção e a Educação do Trabalhador**. São Paulo: Cortez, 1985.

MACHADO, Lucília R. de S. **Sociedade IndustrialxSociedade Tecnicizada: mudança no trabalho, mudança na educação.** Educação e Trabalho. Andes n° 10, 1999.

MACHADO, Lucília R. de Souza. **Politecnia, Escola Unitária e Trabalho.** São Paulo: Cortez, 1989.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política.** Livro 1. São Paulo: Civilização Brasileira, 1982.

MARX, Karl. **O Manifesto Comunista.** Editora Paz e Terra S.A. São Paulo, 1998.

MUNARIM, Antonio. **Educação e Esfera Pública na Serra Catarinense - A experiência política do Plano Regional de Educação.** NUP, UFSC. Florianópolis, 2000.

PELIANO, José Carlos P. **Reestruturação Produtiva e Qualificação para o Trabalho.** Educação e Tecnologia. CEFTs-PR/MG/RJ, n°3, 1998.

PIAZZA, Walter Fernando. **A colonização de Santa Catarina.** Florianópolis. Lunardelli, 1988.

QUINTERO, Jucirema. **A "Força do Povo" em Lages: mas o que foi mesmo esta experiência?** Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1990.

SALM, C. **Tecnologia, Emprego e Qualificação Profissional: Lições do Século XIX.** Seminário, São Paulo, 1997.

SANTA CATARINA. **Associação dos Municípios da Região Serrana de Santa Catarina.** Plano Básico de Desenvolvimento Econômico Ecológico. Lages, 1997.

SILVA, Tomaz T. da (org.). **Trabalho, Educação e Prática Social. Por uma teoria da formação humana.** Artes Médicas: Porto Alegre, 1991.

UNIPLAC: **Revista de Divulgação Científica e Cultural.** v.2... jul./dez.1999.